

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APPAl

... CORREIOS ...

QUE HORAS SÃO?

Um dos mais antigos instrumentos conhecidos para marcar a passagem do tempo ao longo do dia, o relógio de sol mostra a hora através da sua sombra

E MAIS:

PROFESSORA AMERICANA PROVA QUE ENSINAR FRAÇÕES COM PEÇAS DE LEGO DESFAZ O MITO ENTRE AS CRIANÇAS DE QUE A MATEMÁTICA É UM BICHO-PAPÃO

SAIBA COMO A ROBÓTICA NO AMBIENTE ESCOLAR TEM PROPORCIONADO UMA MAIOR INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS DA GERAÇÃO DE NATIVOS DIGITAIS



TRANSFORMAÇÃO TECNOLÓGICA DA INFORMAÇÃO

Julio Cesar da Costa
Editor Revista Appai Educar

As transformações são na verdade uma alavanca que ajuda a acionar o desenvolvimento social e político em todas as áreas. Isso nos faz lembrar que somos testemunhas de revoluções que mudaram a rota da história do mundo como, por exemplo, a industrial, sem desmerecer as muitas outras. Entretanto, na última década estamos vivenciando uma revolução diferente, é a transformação tecnológica da informação em todos os setores sociais.

Na educação, percebemos que a crescente adesão das tecnologias digitais dentro e fora das salas, a transmissão do conhecimento e a interatividade entre professores e alunos vem se materializando como um grande desafio frente à transformação em que o modelo de ensino-aprendizagem criado por nossa sociedade vem passando nos últimos 20 anos.

Saíram o quadro e o giz e entrou a lousa digital, saiu o projetor e entrou a internet com seus mais variados dispositivos eletrônicos ofertando uma gama de conteúdos educacionais, aplicativos e outras ferramentas que ajudam o aluno a encontrar soluções e respostas sem a ajuda da figura do professor.

Eis a questão. Por que esse novo modelo comportamental vem provocando profundas mudanças no perfil do professor? Talvez seja pelo fato de desafiá-lo a lidar com dispositivos e *softwares* criativos e atraentes, algo que modificou a maneira de preparar e transmitir seus conhecimentos durante as aulas. Não sabemos!

Não temos ainda respostas concretas, mas o que já podemos afirmar é que, em tempos de internet, *smartphones* e outras inovações tecnológicas que mediam o início, o meio e o

fim das conversas e ações dos nativos digitais, em todos os setores de suas vidas, o professor tem sentido bastante este impacto. Uma dessas transformações atende pelo nome de educação 3.0, em que basicamente o aluno tem a liberdade de escolher o que deseja estudar, desde que suas opções sejam mantidas dentro dos padrões e da grade exigida pelo MEC. Como toda mudança de rota, mesmo que seja ainda muito embrionária, está aberta a discussão acerca desse novo método e desse singular momento na vida do profissional da educação.

Nesse novo cenário, o professor passa a ser um guia do aluno, ajudando-o a descobrir qual é a melhor forma de aprender, orientando-o quanto a fontes e métodos existentes, solucionando suas dúvidas e promovendo o pensamento crítico. Até porque de acordo com Antonio Nóvoa, estudioso da educação, dentro dessa visão tecnológica os alunos aprendem mais uns com os outros do que com professores.

Me parece que essa linha de pensamento vai ao encontro desse momento de transição de relacionamento, de aprendizagem e de integração no espaço escolar. Temos percebido que essa transformação que, alunos e professores vêm vivenciando é assinada sob a chancela de termos tecnológicos como, por exemplo, educação 3.0, nativos digitais, revolução digital e outras terminologias “internéticas”.

Mas o que não podemos perder de vista é que o professor continua sendo a figura daquele que está pronto para ajudar o seu aluno a descobrir qual é a melhor forma de aprender, orientando quanto a fontes e métodos existentes, solucionando seus questionamentos quando solicitado e promovendo a disseminação do pensamento crítico.



Opinião

Educar para o respeito é tarefa para os fortes

Rosiane Rodrigues¹

O mundo está estranho. Todos os dias somos bombardeados com notícias que nos fazem duvidar que os seres humanos são, realmente, as criaturas racionais deste planeta. Massacres no Oriente Médio e na África; crianças mortas em travessias migratórias; meninas sequestradas e estupradas como pano de fundo de disputas econômicas e políticas; empresas que, em nome do lucro, causam danos irreversíveis ao meio ambiente, conflitos étnicos... A lista de atrocidades é extensa, além de uma crescente onda conservadora que tem tomado conta dos debates políticos em todo o mundo. A questão é que tentar articular respostas para tudo isso tem feito parte das nossas angústias diárias. Porém, se nos parece desafiador encontrar um sentido lógico para esses conflitos, que fazem parte dos repertórios cotidianos do globo, não é difícil imaginar o que passa na cabecinha das nossas crianças.

A questão é que imaginar o que elas pensam não é a mesma coisa que saber o que pensam. Foi para tentar entender como elas estão lidando com esses temas – que dizem respeito a assuntos espinhosos como igualdade, equidade, racismo, xenofobia, intolerância religiosa e direitos – que passei um ano no “chão da escola”, lecionando Produção Textual para alunos do Ensino Fundamental II, em um bairro pobre, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Percebi que, apesar de a maioria não conseguir lidar cognitivamente com os problemas contemporâneos, eles os acompanham tanto quanto nós – seja pelas redes sociais, através dos jogos ou ainda pela boa e velha televisão. E, é claro, não só fazem perguntas

das mais escabrosas, como – o que me pareceu mais preocupante – reproduzem irrefletidamente discursos eivados de preconceito. No entanto, quando esses jovens foram convidados ao diálogo sobre esses temas, a repercussão se tornou bastante surpreendente. Há uma curiosidade latente por esses temas. O resultado desta convivência, nem sempre fácil e harmoniosa – uma vez que lidar com os arroubos da adolescência e a ansiedade em obter respostas rápidas dessa galera se torna o grande desafio para quem abraça a docência nos primeiros anos –, pode ser conferido no livro “Para pensar diferente: Cidadania, igualdade e direitos”, publicado recentemente pela Editora Moderna.

O fato é que, apesar de não estarmos completamente ambientados com as discussões pós-coloniais, precisamos lidar diuturnamente com esse espectro temático que envolve temas transversais e multidisciplinares. Penso que, em alguns anos, com a efetiva aplicação dos conteúdos das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino de História da África, dos africanos e dos povos indígenas em todo currículo escolar, consigamos suprir grande parte desta demanda. Essas leis ganharam um incremento ainda maior com o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP nº 8/2012), que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Mais do que adequar currículos (com a adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e de Educação em Direitos Humanos), a legislação nos possibilita pensar de maneira descolonizada e construir um novo olhar sobre nós mesmos sem cair nos chavões tão conhecidos. É nesse sentido que este livro se propõe não só a reforçar e ampliar os conteúdos exigidos pela legislação, mas também a construir um pensamento “fora da caixinha”.

Em algum momento das nossas vidas, entendemos que educar é formar cidadãos responsáveis, que estejam aptos a lidar com os maiores desafios da contemporaneidade: a complexidade

**EXPE
DIEN
TE**

Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685.JP)

Colaboração
Tony Carvalho, Jéssica Almeida, Richard Günter,
Marcela Figueiredo e Sandra Martins

Fotografia
Marcelo Avila

Direção de Arte
Marcel Schocair Costa

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 73.000 (setenta e três mil)

Impressão e distribuição
Edigráfica – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a
redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

▪ Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

humana e a diversidade cultural. Se concordarmos que educar é algo muito maior que ensinar fórmulas e procedimentos, então estamos diante de uma tarefa audaciosa, que deve necessariamente nos unir num ambiente de confiança e solidariedade, justamente em um momento em que a diferença é encarada como desigualdade e a equidade ainda é vista como privilégio. Educar para um mundo melhor, definitivamente, é tarefa para os fortes.

¹ Rosiane Rodrigues é antropóloga, jornalista, pesquisadora associada ao Ineac/UFF.



Opinião

Entre o integral e o ideal: argumentos a favor de uma escola promotora de saúde

Francisco José Figueiredo Coelho²

Nos últimos anos, muito governantes têm se pronunciado em defesa de uma escola pública de qualidade, onde a famigerada “Educação integral” faz parte da proposta. Mas, será que manter o aluno na escola amplia seu teor de qualidade? Pode ser que sim. Talvez não. Ao mesmo tempo que a escola é um lugar seguro para o jovem e os pais podem trabalhar com mais tranquilidade ao saber que seus filhos estão nela e realizando atividades produtivas, pode pecar em segurança ao se tornar apenas um espaço de confinamento de jovens ociosos, como revelam algumas imaturas experiências de unidades escolares integrais Brasil a fora. Para uma educação integral funcionar, mais importante que enclausurá-los na escola é convidá-los a permanecer. É nesse sentido que os ideais freireanos de escola libertária e livre fazem sentido. O acesso e a permanência do jovem nesse espaço devem ser o cerne da questão. Mas, como se consegue fazer com que a escola seja, de fato, desejada pelo aluno? Como fazer com que ele prefira estar nela em vez de estar na rua com amigos ou em casa nos aplicativos do celular? Em teoria, a resposta é simples: oferecer algo melhor do que ele tem na escola atual.

Dito em outras palavras, oferecer possibilidades para que ele deseje permanecer na escola e que veja que isso é melhor para sua vida, sua formação

e, inclusive, sua saúde. Se os jovens não perceberem isso, a escola integral corre o risco de ser uma grande furada e os investimentos públicos escoarem pelo ralo, tendo em vista a possível evasão dos alunos pela insatisfação ou esgotamento físico e até mesmo mental. A realidade é que implementar o ensino integral nas escolas não é algo barato. Exige, de princípio, que os governantes se comprometam a utilizar as verbas da educação para a qualidade das escolas e do ensino, não as escalonando para outras secretarias. Dinheiro de Educação é sagrado! Por isso as escolas integrais devem ser estrategicamente pensadas, não apenas oferecendo atividades inovadoras aos alunos, mas garantindo que elas possam ser aproveitadas e bem desenvolvidas por todos. Por exemplo, na perspectiva de uma escola integral não deve existir a possibilidade de turmas lotadas. Mais uma vez corre-se o risco de se construir uma fortaleza de alunos em vez de um espaço de aprendizagem. Essas práticas de superlotação dificultam o trabalho pedagógico e a produtividade da classe, principalmente pela diversidade de comportamentos e personalidades que interagem numa sala de aula. Um exemplo intrigante é o como os municípios oferecem as aulas de língua estrangeira e as práticas esportivas aos alunos. Por que será que a maioria dos estudantes das escolas públicas não se torna proficiente nos idiomas estrangeiros ensinados? Os governantes já pararam para pensar que nas boas escolas de inglês, espanhol ou francês raramente temos turmas com mais de 20 alunos? Como desenvolver futuros atletas, amantes ou praticantes de esportes a partir de turmas gigantes e tão diversas? O contingente deve ser levado em conta, e a variedade do que é oferecido numa escola onde o aluno ficará grande parte do seu dia fará toda a diferença no tipo de educação que buscamos promover. Nessa ênfase, pensar na qualidade deve se sobrepor ao pensamento do cumprimento mínimo. Não se faz nada bem se se pensa em promover o mínimo do serviço. Qualidade tende ao máximo!

Para o sucesso de uma escola integral, é necessário, acima de tudo, que ela se torne uma unidade de aprendizagem: um espaço onde todos que ali estejam aprendam coisas novas e ensinem o que saibam aos demais. É preciso que as atividades intelectuais, como a leitura e a escrita, a discussão das ciências e da Tecnologia e a prática da linguagem matemática se desenvolvam, mas que isso não seja unidirecional, vindo apenas do professor a função de ensinar. Todos na escola precisam aprender a conviver e a se respeitar. Não apenas entre si, mas com os alunos e toda a comunidade escolar (pais, moradores, conselhos tutelares, associação de moradores etc.), sobretudo pela troca de experiências a partir de feiras científicas,

eventos culinários, visitas em torno da escola e intercâmbio com outras unidades através de campeonatos e concursos. O tradicionalismo secular das “aulas” pode ser suavizado pela contextualização das “oficinas”, num caráter mais dinâmico e motivador. Nesse caso, a gestão educacional assume um papel crucial, junto à sua equipe pedagógica, na sondagem e articulação desses personagens, numa parceria constante que fomente qualidade de formação e de vida, com práticas saudáveis e que desenvolvam o bem-estar físico, mental e social dos jovens. Partindo desse pensamento de promoção de saúde, uma proposta bem estruturada de escola integral pode desempenhar sua tarefa reduzindo os diversos danos à condição dos jovens, inclusive dificultando o acesso ao uso e consumo abusivo de drogas (álcool, tabaco, maconha, crack e outros) a partir de diferentes modelos de prevenção. O de oferecimento de alternativas, por exemplo, prevê que, permitindo que os jovens escolham diferentes atividades esportivas, artísticas, culinárias etc., eles se ocupem física e mentalmente, tendendo a se preocupar menos com coisas ofensivas à saúde. Outro é o modelo de Educação para Saúde, baseado na orientação para uma alimentação adequada, atividades não estressantes, vida sexual segura e orientação sobre os riscos do uso de drogas. Um terceiro, Modificações das Condições de Ensino, propõe intervenções

intensas, duradouras e precoces, com o envolvimento dos pais e da comunidade. Nesses modelos, vemos possibilidades de a escola integral não apenas promover saúde de forma primária, como reduzir ou evitar a prática de diversas ações agressivas que esse jovem poderia ter, ocioso e sem uma orientação mais sólida do espaço escolar.

Na defesa entre o integral e o ideal, muitas são as discussões que se instauram e alimentam o debate. O mais importante é que a governança acredite que a proposta de unidade de ensino integral pode funcionar e permitir não apenas o acesso ao aluno em mais de um turno, mas, acima de tudo, a permanência desse jovem na escola. Assim, falar em escola integral com chances de sucesso é repensar o modelo de escola vigente em nossa sociedade. É corroborar com uma unidade de ensino que seja verdadeiramente um espaço de aprendizagem e onde o estudante também proponha e seja ouvido, numa articulação do que ele precisa aprender, do que ele gostaria de praticar e do que de fato ele possa desenvolver nessas escolas, numa formação que favoreça e beneficie a qualidade de vida e uma visão mais cidadã e democrática de mundo para esses jovens.

² Francisco José Figueiredo Coelho é Doutorando em Ensino em Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz).



VEM AÍ...



I Encontro de Educação Appai

Ações que inspiram e transformam a aprendizagem

Dia 30/11

Inscrições a partir do dia **28 de outubro**

OS MISTÉRIOS OLÍMPI

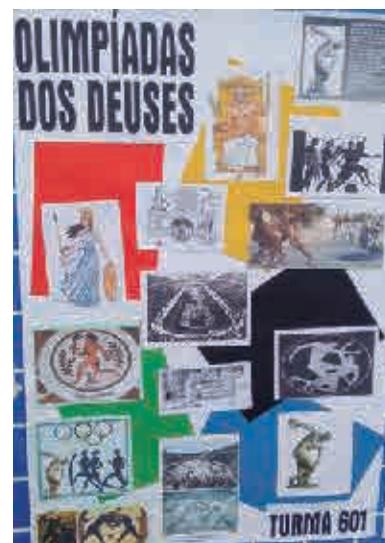


Estudantes são instigados a descobrir os significados dos enigmas relacionados aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos

Você sabe qual é o significado da palavra “Olimpíadas”? Frequentemente se utiliza o termo para designar o evento dos jogos olímpicos, mas, tecnicamente, se refere ao período de quatro anos compreendido entre uma edição e outra. Essa foi uma das curiosidades que o Instituto de Educação Luciano trabalhou com seus alunos durante o período das competições da Rio 2016.

Para agregar conhecimento contemplando este grande evento esportivo, as coordenadoras Dulcineia Luciano e Sônia Luciano propuseram atividades lúdicas aos estudantes, identificando as primeiras modalidades esportivas disputadas nos jogos da antiga Grécia, bem como convidando a uma reflexão sobre a importância deste evento na Antiguidade, tendo em vista que até mesmo as guerras eram suspensas durante as competições.

Inicialmente, os jogos eram disputados por atletas amadores e somente no século XX houve a abertura para os profissionais. As primeiras competições olímpicas da era moderna foram realizadas em Atenas, em 1896, quando 285 atletas de 13 países disputaram provas de atletismo, esgrima, luta livre, ginástica, halterofilismo, ciclismo, natação e tênis. Os vencedores foram premiados com medalhas de ouro e um ramo de oliveira. Atualmente, são agraciados os três primeiros colocados de cada modalidade esportiva. A classificação dos países vai acontecendo de acordo com a quantidade de medalhas de ouro obtidas e, em caso de empate, são contadas as de prata e depois as de bronze.



Os estudantes foram instigados a pesquisas que contribuíram para desvendar os mistérios dos símbolos olímpicos. Através de cartazes, um giro pela história do evento esportivo

Os Jogos Paralímpicos são semelhantes aos olímpicos, havendo diferença apenas quanto à restrição da participação de atletas com algum tipo de deficiência física ou mental. A primeira versão de competições desse tipo ocorreu em 1948, quando foi organizada uma disputa envolvendo sobreviventes da Segunda Guerra Mundial que possuíam lesões na medula. Em pouco tempo,

juntaram-se a eles atletas de várias nações, transformando assim o evento em internacional. Os primeiros jogos envolvendo deficientes físicos aconteceram em Roma, em 1960, ficando conhecidos como Jogos Paraolímpicos, mas somente em 2001 é que foi oficializada a realização paralela aos Jogos Olímpicos, através de um acordo entre os comitês Internacional e Paralímpico.

Você sabia?

Como prática pedagógica, os alunos do Instituto Luciano foram instigados à pesquisa para que desvendassem alguns enigmas que diversas pessoas já perceberam, mas poucos sabem de fato o real significado.

Bandeira: O Símbolo das Olimpíadas é composto por cinco anéis entrelaçados, representando os cinco continentes: **Oceania**, **Ásia**, **África**, **Europa** e **América**, para cada um sendo empregada uma cor. A bandeira foi elaborada por Pierre de Coubertin, em 1913.

Lema: *Citius, Altius, Fortius* (o mais rápido, o mais alto, o mais forte) foi proposto pelo Barão Pierre de Coubertin quando da criação do Comitê Olímpico Internacional em 1894.

Tocha: Na maior parte das lendas dos povos antigos é afirmado que o fogo foi enviado dos céus como dádiva divina. Na mitologia grega, Prometeu roubou o fogo dos deuses no monte Olimpo e deu-o aos humanos. Esse elemento era tão importante, que em algumas sociedades mantinha-se acesa uma chama perpétua. Na Grécia, muitas casas tinham uma lareira sagrada, que representava a vida ou o espírito das pessoas.

Abertura: Toda cerimônia de abertura começa a ser falada em francês e depois na língua do país. Essa é mais uma homenagem ao francês Pierre de Coubertin.

Juramento: O juramento olímpico é feito por um atleta e um juiz durante a Cerimônia de



Atentos aos detalhes deste evento, os alunos não deixaram de fora o pódio, bem como o figurino bem elaborado e um estudo que desvendou os enigmas das cores dos cinco anéis entrelaçados

Abertura de cada edição dos Jogos Olímpicos, com o representante da equipe do país organizador segurando uma ponta da bandeira olímpica e recitando o juramento: “Em nome de todos os competidores, prometo que participaremos nestes Jogos Olímpicos, respeitando e seguindo as regras que os regem, comprometendo-nos a um desporto sem dopagem

e sem drogas, com o espírito verdadeiro do desportivismo, para glória do desporto e honra das nossas equipes”.

Coroa de Louro: A origem do

uso da coroa de louros está no mito de Dafne, uma ninfa que se transmutou em um pé de louro para fugir de Apolo. A coroa tinha um significado muito especial para os atletas e para a cidade de

onde provinham, que os receberia com grandes festas e estátuas em homenagem aos vencedores. A coroa de louros, ou láurea, passou a simbolizar a vitória, sobretudo nos Jogos Olímpicos.



Os estudantes aproveitaram para praticar os esportes que mais se identificavam. O pátio da escola se tornou um grande centro de competições e aprendizagem



Ao término do evento, a hora do registro para guardar na lembrança o momento que muitos atletas aguardam por anos: o dia da competição, da vitória, da medalha. Vitória aos alunos!

Curiosidades olímpicas

Os estudantes que foram além das pesquisas acabaram por descobrir uma série de curiosidades que resultaram em apresentações no palco do Instituto. Entre elas estão:

- O palco da Primeira Olimpíada da Era Moderna, realizada em Atenas em 1896, foi o Estádio Panathenaic. A base do local era composta por uma estrutura de mármore erguida no século IV a.C.
- O cabo de guerra foi um esporte olímpico entre os anos de 1900 e 1920.
- Até as edições atuais, durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos os atletas da delegação da Grécia são os primeiros a desfilar.

Logos após vêm os do país-sede e na sequência os das outras nações em ordem alfabética.

- A primeira mulher a ganhar uma medalha de ouro na história dos Jogos Olímpicos foi a Britânica Charlotte Cooper, que conquistou o torneio de tênis feminino em Paris em 1900.
- O atleta que mais ganhou medalhas olímpicas foi o nadador norte-americano Michael Phelps. Nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e Pequim (2008) ele ganhou, no total, 14 medalhas.

■ **Colaboração:** Richard Günter

Instituto de Educação Luciano

Rua Ana Parisio, nº 42 – Miguel Couto – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26153-190

Tel.: (21) 3793-4099

E-mail: dulcineialuciano@ig.com.br / professorasonialuciano@ig.com.br

Direção: Sônia Luciano

Professora: Dulcineia Luciano
Fotos cedidas pela escola

MUITO ALÉM DO CONTEÚDO



Projeto trabalha valores e atividades que contribuem no processo de ensino e aprendizagem



Os alunos do Fundamental II e do Ensino Médio realizaram apresentações com músicas, danças, poesias e peças de teatro

O projeto político-pedagógico de 2016 do Instituto Braga Carneiro tem como inspiração os valores Olímpicos e Paralímpicos. Temas como respeito, amizade, igualdade e superação fazem parte de todas as atividades desenvolvidas ao longo do ano. A Terceira Mostra de Arte da escola reuniu os seis valores trabalhados ao longo do primeiro semestre e teve a intenção de fazer com que todos os convidados percebessem o quanto é importante ter ações positivas, respeitosas e que valorizem o outro.

Os educadores ressaltam que a função da escola não é formar apenas alunos, mas sim cidadãos que respeitem o semelhante e que saibam lidar com as diferenças, por isso a importância do projeto. “Queremos formar cidadãos com bons princípios, por isso decidimos trabalhar durante o ano letivo promovendo os valores indispensáveis no nosso dia a dia e que também fazem parte dos ideais dos Jogos, como a amizade, o respeito, a fé, a perseverança, o amor e a igualdade”, explica Valéria Monção, supervisora pedagógica da escola.

Para a Mostra, cada turma da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I escolheu um artista plástico para serem estudadas sua biografia e obra. Deveriam também analisar quais valores podem ser percebidos nas criações desses artistas. Depois disso, as turmas foram divididas em grupos e cada um deveria construir uma releitura do que foi compreendido. No dia da culminância os alunos expuseram esculturas, pinturas, retratos e colagens inspirados nas obras imortalizadas de artistas



No dia da culminância os alunos expuseram esculturas, pinturas, retratos e colagens inspirados nas obras imortalizadas de artistas como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Romero Britto, Claude Monet, Portinari, Vik Muniz e Alfredo Volpi

como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Romero Britto, Claude Monet, Portinari, Vik Muniz e Alfredo Volpi.

Já os alunos do Fundamental II e do Ensino Médio realizaram apresentações com músicas, danças, poesias e peças de teatro. O conteúdo dos textos também tratava dos valores importantes para a humanidade e para a vida em sociedade. “Propusemos aos alunos que desenvolvessem apresentações que retratassem os valores trabalhados durante o bimestre. Eles ficaram livres para escolher como fariam isso, mas o conteúdo dos textos deveria estar de acordo com os valores abordados”, esclarece a coordenadora Pedagógica Cristiany Marron.

A interdisciplinaridade foi uma marca da mostra. O envolvimento não apenas dos professores de Línguas e Artes, mas também de Matemática e outras disciplinas, deixava claro o quanto a comunidade escolar acredita nos ideais do projeto. O professor de Matemática Vinicius Costa foi um dos que vestiu a camisa. Ele ajudou na organização, colaborou das apresentações e se entusiasmava com cada gesto de superação dos alunos. “Não existe pedagogia sem a participação de todos. A escola precisa ser dinâmica, com o aluno fazendo parte dessa engrenagem. A relação deve ser de troca e não apenas de transferência de conteúdo”, disse o professor.

Márcia Esteves,
professora de Língua



Portuguesa, trabalhou com os educandos o livro “Não Era Uma Vez”, ilustrado por Mariana Massarani. Nele, contos clássicos, como “Cinderela” e “Os Três Porquinhos”, são recontados e cada história tem um final inusitado. A docente utilizou a obra para fazer com que os alunos refletissem sobre o que é uma competição e avaliassem o comportamento das personagens. No dia da Mostra, os estudantes utilizaram as máscaras e os acessórios confeccionados por eles mesmos especialmente para a apresentação da turma. “Eles superaram a timidez, o medo, a vergonha e, além disso, perceberam a importância de olhar e respeitar o outro. Com esse tipo de projeto eles aprendem a valorizar o que as outras pessoas têm de melhor e não apenas ver os defeitos e limitações”, destaca a educadora.

Enquanto alguns convidados assistiam as apresentações do Fundamental II e do Ensino Médio na quadra, outros circulavam pelo corredor da escola para prestigiar as releituras dos alunos da Educação Infantil e do Fundamental I. Estes expuseram um painel inspirado nos Jardins de Claude Monet; instalações baseadas nas obras de Portinari e Romero Britto; uma escultura influenciada pelas “mulatas” de Di Cavalcanti; colagens refazendo o quadro “Operários” e um quebra-cabeça gigante com a tela “Abaporu”, ambos de Tarsila do Amaral; pinturas com bandeirinhas que lembravam os quadros de Alfredo Volpi e autorretratos com materiais inusitados a partir do trabalho de Vik Muniz.

“Devemos estimular o desenvolvimento do senso crítico. Durante o evento, nossa intenção foi oferecer a possibilidade de o aluno se expressar. Fazendo uma releitura do que eles abordaram em sala de aula, nós descobrimos talentos e é muito gratificante notar no comportamento dos estudantes que o objetivo foi alcançado. É assim que a escola deve ser: viva, formativa e integrar conteúdos”, avalia Ângela Montenegro, diretora da unidade.

A interdisciplinaridade foi uma marca da mostra. O envolvimento não apenas dos professores de Línguas e Artes, mas também de Matemática e outras disciplinas.

■ *Por Marcela Figueiredo*

**Instituto Braga Carneiro –
Unidade Barra da Tijuca**

Avenida Rosauro Estellita, 560 –
Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/
RJ

CEP: 22793-319

Tel.: (21) 3325-4239

E-mail: contato@
bragacarneirobarra.com.br

Fotos: Marcelo Ávila



O projeto semestral inicia com um seminário organizado pelo corpo discente. Neste momento são escolhidos os alunos com melhor desenvoltura, oralidade e dedicação ao estudo do tema

Alguém aqui usa drogas? Ou, melhor, quem aqui conhece alguém que use algum tipo de droga? Não?! Ok. E, por um acaso, quem vocês conhecem que tem o hábito de usar analgésicos ou descongestionantes, mesmo antes da dor aparecer? Em casa, seus pais conversam sobre drogas lícitas ou ilícitas? Vocês sabiam que substâncias que são introduzidas no corpo e modificam seu funcionamento podem ser drogas?

Estas são algumas das perguntas que alunos do ensino regular responderam dentro de um debate feito por outros jovens, também estudantes, só que do período noturno do *Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira* (Cepap), no bairro do Colubandê, em São Gonçalo. A dinâmica foi o Encontro de troca de Experiências entre os sujeitos da EJA, que tem como objetivo permitir que os jovens do ensino regular possam trocar experiências com outros mais maduros e adultos do período noturno.

DIÁLOGOS ENTRE OS SUJEITOS DA EJA

A iniciativa integra o *Projeto E3 – Drogas, Educação e Saúde*, fruto de um estudo realizado pelo professor Francisco Coelho do EJA/Cepap e doutorando da Fiocruz, e da professora Priscila Tamisso, do Departamento de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IQ). Ambos realizaram a investigação em parceria com a Universidade Federal Fluminense (Nuec/UFF), analisando as memórias sobre o uso e abuso de drogas desses alunos do ensino noturno. Os resultados desse estudo revelaram diferentes possibilidades de aproveitar as experiências e vivências dos estudantes da EJA

noturna para sensibilizar e debater o assunto drogas com seus pares do ensino regular. As interações entre os alunos da EJA foram iniciadas com duas turmas do 9º ano de escolaridade.

Há cerca de três anos, o professor Francisco e a equipe pedagógica noturna buscam implementar uma série de projetos e ações educativas para melhorar a qualidade do EJA no município de São Gonçalo. E uma das preocupações apresentadas foi relativa ao possível uso abusivo/recreativo de drogas na comunidade e à desinformação dos pais e jovens sobre o tema que, em pleno século XXI, ainda é considerado tabu para ser

discutido na escola, em especial o uso de álcool e o tabaco. A ideia era que o projeto de preparação tanto para a EJA quanto para o regular fosse esclarecedor, buscando-se entender a droga de uma forma livre de julgamentos, de preconceitos, mas numa abordagem científica, dialógica, de maneira a que os alunos possam dar suas opiniões sobre o que pensam a respeito do assunto.

“Emergindo desta problemática alimentada pela pesquisa realizada, pensamos na possibilidade de formar os jovens e adultos do período noturno para o papel multiplicador e fomentador de debates e discussões com



A turma da noite busca implementar uma série de projetos e ações educativas para melhorar a qualidade do Ensino de Jovens e Adultos na região metropolitana do Rio de Janeiro

outros alunos do ensino regular e com membros da comunidade (pais, parentes e colegas de alunos), repensando a escola não apenas como um espaço de transmissão de conhecimento para os estudantes matriculados, mas aberto a todos”, disse Francisco Coelho.

Para Márcia Barreto, articuladora pedagógica, a proposta apresenta-se como uma forma de resgatar, a partir deste projeto, ações que estimulem os sujeitos da EJA a promover bem-estar social não apenas para o seu turno, “mas para toda a comunidade em torno da unidade escolar, incentivando e estimulando novas abordagens em relação ao tema com os adolescentes de outras gerações”, afirma, tudo com fundamento nos ideais de Paulo Freire sobre uma dialogicidade verdadeira, do diálogo construindo a aprendizagem. Não é só falar de drogas, pois qualquer veículo de comunicação traz as informações. “Mas é conversar com o aluno, buscar entender a vivência dele, a experiência. E através de uma discussão aberta preparar para a

situação em que ele se depara com o uso da droga, seja com seus familiares, consigo mesmo, e até na orientação para seus filhos”.

Se no início do debate os estudantes se mostram um pouco retraídos, com o transcorrer da dinâmica o diálogo se estabelece, as informações fluem, segundo Francisco, porque eles não partem do conceito, do “academicismo”, mas da experiência desses jovens. “Tanto é que as discussões sempre trazem questões do dia a dia. Por serem todos jovens, a linguagem é de domínio geral. Sai do *status* de palestra e fica mais próximo de um papo entre amigos em que as pessoas não têm medo de falar”.

Sem essas amarras, o jovem se abre e tende a revelar certas situações como, por exemplo, traumas sofridos ocasionados pela violência doméstica oriunda do uso abusivo de drogas por parte de algum membro da família. Há alunos que podem chorar, ou que afirmam que os pais não discutem o tema por terem, talvez, algum caso entre pessoas próximas. “A ideia do projeto não é



O objetivo deste projeto é o resgate da sociedade, promovendo o bem-estar social não apenas para seu turno, mas para toda a comunidade em torno da unidade escolar

considerar a droga como tabu, mas que se discuta, que se crie na escola espaços de diálogo, onde se geram aprendizagens. Quanto mais falamos sobre o assunto traumatizante, mais nos preparamos psicologicamente para tratar dele. E discutindo, conversando sobre nossas experiências, nós nos fortalecemos como seres humanos, capazes de ajudar outras pessoas que estejam passando pelas mesmas situações”, salientou Francisco.

O projeto é semestral. O processo de formação de nova equipe se inicia durante a própria disciplina na EJA, quando são organizados seminários discentes. A partir de uma triagem são eleitos os alunos com melhor desenvoltura, oralidade e dedicação ao estudo do tema. Esse seletivo grupo é então convidado para participar da atividade. O empenho passa a ser redobrado: mais leituras, seminários, treinos, rodas de conversas, ensaios. No dia da apresentação, toda a equipe se reúne numa roda para uma conversa em que tiram dúvidas, se tranquilizam e acertam os últimos detalhes

para o encontro com as turmas. Jéssica, Giuliano, Douglas, Andreza, Alexandre, Jessiny e Daylane se dividiram em dois grupos.

O trabalho é composto de quatro etapas. Na primeira, apresentação da equipe e da proposta. Depois, os alunos são incentivados a responder perguntas. Em seguida, a turma é dividida em grupos, sendo eleito um/uma líder, que escolhe uma carta com uma pergunta a ser respondida como verdadeira ou falsa, sendo necessário produzir argumentos orais. A plenária acolherá ou não sua argumentação. A dinâmica é finalizada com comentários dos dinamizadores sobre a ação desenvolvida, os aprendizados, além de uma rápida escuta dos participantes. Para encerrar, eles são lembrados de que aquele espaço não era para julgamentos e sim para trocas, de aprendizados, de fortalecimentos para futuras escolhas, e que eles também poderiam ser multiplicadores. Encerrada esta etapa, toda a equipe se reúne para a avaliação geral.

■ *Por Sandra Martins*

Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (Cepap)

Av. José Mendonça de Campos s/nº – Colubandê – São Gonçalo/RJ

CEP: 24450-260

Tel.: (21) 2701-5577

E-mail: ensinodeciencias.ead@gmail.com

Prof.: Francisco José Figueiredo Coelho

Fotos: Sandra Martins



No Jardim Botânico do Rio de Janeiro há um grande Relógio de Sol no qual, constantemente, escolas realizam visitas para que os alunos analisem e apliquem os conceitos em determinadas disciplinas

QUE HORAS SÃO?

A tecnologia milenar do relógio de sol alinha seus ponteiros visando discussões geográficas, matemáticas, históricas e de conceitos científicos

Já imaginou como os egípcios mediam o tempo lá na antiguidade? Por incrível que pareça, eles já tinham um tipo de relógio que dispensava o uso de bateria. Conhecido como Relógio de Sol, o instrumento foi muito usado pelos gregos e romanos antigos, e seu ápice foi durante a Idade Média. Naquela época, quase todas as catedrais e igrejas o utilizavam para regular o momento das orações. Com o surgimento dos primeiros relógios mecânicos, os solares passaram a não ter mais serventia. Hoje, eles praticamente só são vistos enfeitando praças e museus. Neste contexto, trabalhos pedagógicos abordando esse assunto permitem discutir conceitos como latitude, fuso horário e rotação, além do parâmetro histórico em que ele está inserido.

A necessidade de conhecer as horas é algo especificamente social, uma vez que animais e plantas não necessitam de tais informações. O indício mais antigo da divisão do dia é proveniente de um relógio de sol egípcio, datado de 1.500 a.C. Posteriormente, a medição do tempo orientou-se para o calendário, para a identificação das estações

do ano, que era informação essencial para as civilizações que praticavam a agricultura, em face da estreita dependência desta dos fatores climáticos, diretamente ligados à passagem das estações. A divisão do dia em horas foi uma consequência natural da evolução das sociedades, para a marcação das práticas religiosas e atividades leigas.

Na América pré-colombiana a tecnologia era utilizada pelos maias, astecas e incas na determinação de solstícios e equinócios. O eixo de rotação da Terra (movimento do planeta em torno de si mesmo) possui uma posição fixa que está ligeiramente inclinada em $23,5^\circ$ em relação ao eixo de translação (movimento em torno do Sol). Isto faz com que, em determinada época do ano, a luz solar incida com maior intensidade sobre o hemisfério norte e, na outra parte do ano, sobre o sul, caracterizando o chamado solstício. Quando, em determinada época, a luz solar incide de maneira igual sobre os dois hemisférios, tem-se

o equinócio.

Por ocasião da Renascença em meados do século XV, com a invenção da imprensa por Gutemberg (no Ocidente, porque na China existia desde o século IX d. C.), a divulgação científica de um modo geral e, portanto, a construção de relógios de sol, registraram um grande impulso. Eram trabalhos que exigiam, além de habilidade artística, conhecimentos sobre o movimento aparente do astro-rei, motivo pelo qual até então eram tratados como segredos, sempre bem guardados.

Como o relógio fornece o tempo solar verdadeiro, obtido pelo movimento do Sol, a hora verdadeira local ou hora legal é traduzida por meio de uma tabela que mostra os minutos que devem ser somados ou subtraídos, conforme o dia do ano. Naturalmente, no horário de verão, devemos adicionar uma hora.

Por causa da inclinação natural do eixo de rotação e o formato elíptico da Terra, não existe

Curiosidade:

A Bíblia cita o relógio de sol do Rei Ahaz, nos versos do livro de 2 Reis 20:9-11 e Isaías 38:8, época que corresponderia a 700 AC. Desta época e pelos caldeus, seria a divisão em doze partes da faixa do céu, o zodíaco, onde se situam as constelações quem lhe emprestam o nome.



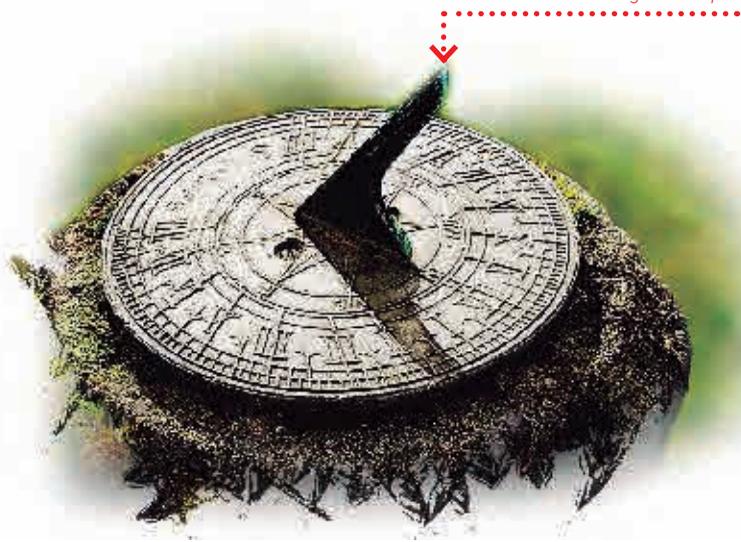
Como os relógios passaram a não ter mais serventia, atualmente grandes museus guardam essas relíquias, como esse que está no instituições do Louvre, em Paris

Tipos de relógio

uma orientação fixa para o relógio de sol, que sempre mantenha uma afinidade geométrica constante com o Astro-rei durante o ano inteiro. Por isso, não é indicado que um relógio funcional seja construído totalmente fixo, que mostre a hora certa durante todos os períodos do ano. Um relógio de sol erguido em função de um lugar específico somente mostrará a hora aparente daquele exato ponto, compartilhando apenas com lugares alinhados num mesmo meridiano.

O gnômon deve ter sido o mais antigo instrumento astronômico construído pelo homem. Em sua forma mais simples, consistia apenas de uma vara fincada, geralmente na vertical, no chão. A observação da sombra dessa vara, provocada pelos raios solares, permitia materializar a posição do Sol no céu ao longo do tempo. Observando a sombra do gnômon ao longo de um dia, os antigos astrônomos puderam perceber que ela era muito longa ao amanhecer e que ia mudando tanto de direção como de comprimento ao longo do dia. Verificaram que o momento em que a sombra era a mais curta do dia correspondia ao instante que dividia a parte clara do dia

Gnômon, o mais antigo instrumento construído pelo homem, que consistia apenas de uma vara fincada no chão. A observação da sombra provocada pelos raios solares, permitia materializar a posição do Sol no céu ao longo do tempo.



em duas metades. A esse instante deram o nome de meio-dia, e a direção em que a sombra se encontrava nesse instante recebeu o nome de Linha do meio-dia, ou seja, linha meridiana.

Basicamente, com relação à superfície sobre a qual se projeta a sombra do gnômon, os relógios de sol podem ser dos seguintes tipos:

Horizontal: com o “mostrador” paralelo ao plano horizontal, gnômon alinhado com o meridiano local e o ponto de origem das linhas de hora voltado para o Norte Verdadeiro, quando instalado no hemisfério sul e, inversamente, voltado para o Sul quando instalado no hemisfério norte. Os relógios deste tipo recebem a incidência direta do sol, durante todo o período entre o nascer e o pôr do





Alguns relógios solares eram feitos em topos de prédios importantes na época (Sec. XIX), bastava saber direcionar bem o gnômon, para que o horário fosse desvendado

sol, durante o ano todo.

Vertical direto: com o “mostrador” perpendicular ao plano horizontal e face perpendicular à direção norte/sul, exige desenho diferente para cada localidade. Os de face perpendicular à direção leste/oeste são universais, ou seja, podem ser instalados em qualquer localidade, independentemente da variação da latitude e longitude; a face voltada para o leste indicará apenas as horas da manhã e a voltada para oeste, as da tarde.

Vertical declinado: projetados para serem instalados em paredes ou suportes que não sejam exatamente perpendiculares aos eixos norte/sul e leste/oeste. A declinação de uma parede é o ângulo formado por uma perpendicular a esta com

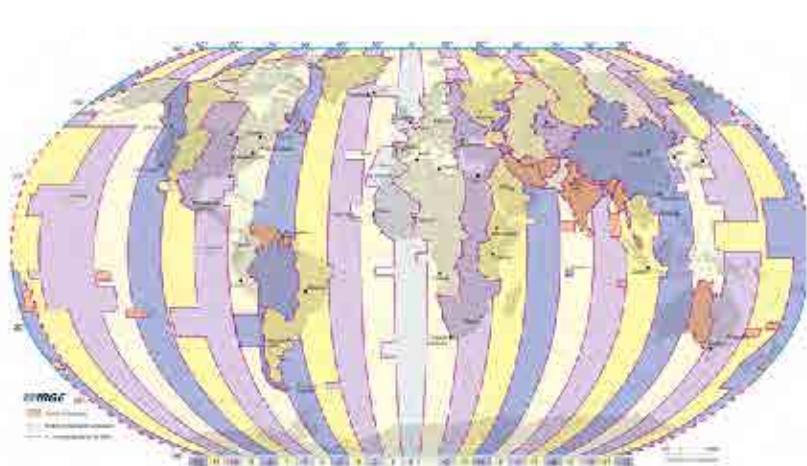
o meridiano local, ou seja, com a direção norte/sul verdadeira, geográfica.

Inclinado e reclinado: projetados para serem instalados em bases que não sejam verticais ou horizontais, que fazem com o plano horizontal, portanto, ângulos diferentes de 90° ou 0° . É inclinado quando forma com o plano horizontal maior que 90° e reclinado, quando menor.

Polar: projetados para serem assentados sobre superfícies inclinadas em ângulo igual ao da latitude do lugar e alinhados com o eixo leste/oeste. As linhas de hora são paralelas entre si e simétricas em relação à linha do meio-dia, sobre a qual está situado o gnômon, paralelo ao eixo terrestre. São universais, o que quer dizer que podem ser utilizados em qualquer latitude.

Você sabe qual é o critério para a divisão dos fusos horários?

Fonte: IBGE, 2009.



Equatorial: é também um tipo inclinado e pode ser instalado em qualquer lugar, desde que o ajuste do ângulo formado pelo plano do “mostrador” e o horizontal seja igual à colatitude do lugar (latitude – 90°). O gnômon é um pino perpendicular ao “mostrador” e assim estará paralelo ao eixo da Terra. Neste tipo de relógio de sol as linhas de hora são espaçadas de 15° entre si, independentemente das variações de latitude. Equatorial porque a

superfície onde estão inscritas as linhas de hora fica num plano paralelo ao do equador.

Os fusos têm essa divisão para padronizar o horário em cada país. Eles foram criados na Conferência de Washington, nos Estados Unidos, em 1884. São 24 fusos, um por hora que a Terra leva para completar um giro em torno do

próprio eixo, delimitados por meridianos (linhas imaginárias traçadas entre os dois polos da Terra, que determinam as longitudes). O de Greenwich, próximo a Londres, é referência para o horário mundial. A leste dele, cada meridiano marca uma hora a mais (+1h), e a oeste, uma a menos (-1h), conforme indicado no mapa-múndi abaixo.

A divisão que respeita exatamente os meridianos para indicar os horários é teórica. Na prática, é usada a civil ou política, o que faz com que o desenho das linhas não fique tão rígido (repare na ilustração como as linhas verticais fazem algumas curvas). Muitos países adaptam seus fusos para facilitar atividades comerciais, padronizar o sistema bancário etc.

Que tal levar seus alunos para conhecer de perto um relógio de sol?

Na Europa, vários adotaram a mesma hora-padrão (+1h em relação a Greenwich), como Espanha, França, Alemanha e Itália. A Índia, que abrange dois fusos horários (+5h e +6h), criou um tempo civil médio de +5h30min, assim como a Venezuela (-4h e -5h), com horário de -4h30min. Hoje, o Brasil tem três fusos (-2h, -3h e -4h), mas até 2008 eram quatro, com -5h no Amazonas e no Acre. Uma lei federal indicou que essas áreas adotassem o fuso de -4h.

Inaugurado no início da primavera de 2008, o relógio de sol do Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi um presente da Fundação Planetário em homenagem aos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil. O relógio está localizado próximo ao Lago das Tartarugas e da Casa de Visitação.

O Serviço de Educação Ambiental (SEA) oferece a professores da rede oficial de ensino a oportunidade de visitarem o local, seguindo as principais orientações da prática da educação ambiental em jardins botânicos. São oferecidas atividades práticas e interdisciplinares, baseadas na cooperação e participação dos professores. Pode-se destacar, dentre os princípios que orientam a educação ambiental, a concepção complexa do ambiente; o fortalecimento da cidadania; o estímulo à consciência crítica e reflexiva; a participação nos processos de aprendizagem e controle social.



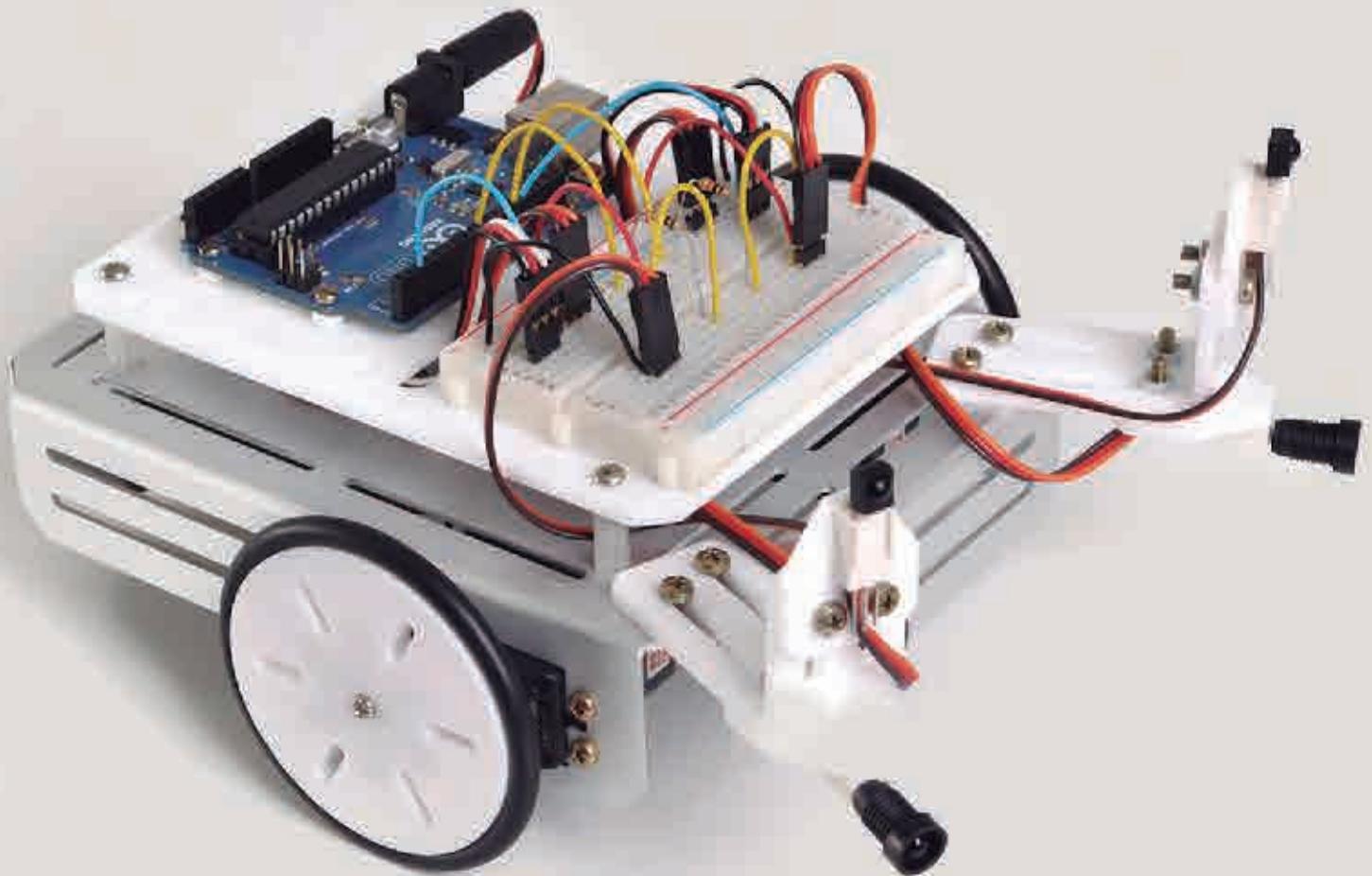
O Jardim Botânico está aberto aos visitantes durante todos os dias do ano. O horário de visitação é: segundas-feiras, das 12 às 17h, e de terça a domingo, das 8 às 17h, com prorrogação de uma hora para o fechamento das bilheteria no período de horário de verão. Para mais informações, ligue para o Centro de Visitantes (Tel.: (21) 3874-1808), ou acesse o *site*: www.jbrj.gov.br.

Vale lembrar que estudantes da rede pública de ensino e professores em visitas escolares estão isentos no ingresso ao local.

■ Colaboração: *Richard Günter*

Robótica Educacional

O FUTURO É AGORA!



A robótica em sala de aula é hoje uma nova realidade onde o estudante passa a ser autor do seu próprio conhecimento

Dando continuidade aos especiais da 100ª edição da Revista Appai Educar, não poderíamos deixar de fora um assunto em evidência nos últimos anos, que se destaca a partir do debate sobre as novas tecnologias em ambientes escolares: a robótica educacional. Quando se fala desse assunto, normalmente pensamos em algo muito complexo, confuso e de que poucas pessoas podem fazer uso. Porém tanto a rede pública de ensino quanto a privada já têm adotado essa atividade, e o resultado tem sido bastante animador para os alunos de diversas faixas etárias. É o que garante Andreia Falcão, professora e Mestre em Tecnologias na Educação pela Universidade de Brasília, ao explicar que a robótica não prioriza o ensino técnico dessa ciência. “Esse projeto visa desenvolver os conceitos de forma lúdica, associando-os ao dia a dia das crianças”. A ideia é trabalhar a criatividade e o conhecimento, fazendo com que se tenha um processo de interação maior entre professor e aluno e entre os próprios alunos, tudo de forma divertida.

O uso desta ferramenta no meio educacional é capaz de promover a troca de experiências, a interação e o diálogo entre seus pares aflorando o que há de melhor nos talentos dos alunos, já que propicia de maneira significativa e atenuante o processo criativo do educando. “Esta nova prática traz para a educação uma nova realidade onde o estudante passa a ser autor do seu próprio conhecimento e centro do processo, aplicando toda a sua imaginação criadora, sendo capaz de interferir no seu meio, em busca de soluções para os problemas que afligem a humanidade”, resume Andreia.

A robótica educacional tornou-se mais uma possibilidade de aprendizagem. Esta tecnologia, inovadora, vem ganhando espaço



A robótica envolve um processo de motivação, colaboração e construção

e aos poucos desvendando contribuições relevantes para o processo de aprendizado, permitindo ao professor dar mais significado às suas aulas, não ficando apenas na teoria. Nesta atividade, o fazer e o aprender são procedimentos inseparáveis, além de incentivar o trabalho em grupo, a cooperação, a pesquisa, a tomada de decisões e, acima de tudo, promover o diálogo e o respeito a diferentes opiniões. As crianças podem começar desde cedo, a partir da primeira série do Ensino Fundamental e, através de projetos bem simples, conseguem assimilar bem o conteúdo proposto. “A robótica pode ser usada colocando-se em prática conceitos matemáticos, biológicos, físicos e muitos outros, pela gama infinita de possibilidades, por ser uma ciência multidisciplinar que permite ao professor a exploração prática de conceitos teóricos trabalhados em sala de

“A robótica educacional tornou-se mais uma possibilidade de aprendizagem. Esta tecnologia, inovadora, vem ganhando espaço e aos poucos desvendando contribuições relevantes”

aula”, acrescenta a Mestre em Tecnologia.

Ela ainda destaca que, quando o aluno desenvolve um projeto, aprimora a capacidade de encontrar soluções. O valor educativo não se esgota aí. “Nesse processo de formação, precisamos considerar a importância de desenvolvermos as habilidades criativas de nossos estudantes para que eles possam adaptar-se e solucionar as questões e problemas trazidos pelo progresso social, científico e tecnológico.

Neste ambiente o aluno é constantemente desafiado a pensar e sistematizar suas ideias, testando suas hipóteses em busca da efetivação da atividade que está sendo desenvolvida. Com isso, há um estímulo ao pensamento investigativo e ao raciocínio lógico do aluno, o que denota a sua não passividade diante da construção de um

dado conhecimento, ou seja, ele assume o papel de pesquisador, desenvolvendo uma das competências para o Ensino Fundamental presentes no Currículo da Educação Básica”, conta orgulhosa.

Alunos com deficiências podem ser beneficiados com o uso da robótica

Estudos também mostram que a robótica pode ser uma boa aliada para crianças com autismo. Neste caso, esta atividade visa desenvolver habilidades de um trabalho em equipe, através da construção de robôs, que ajudarão neste processo de carência de interação social, de maneira lúdica, propiciando o en-

“Em uma disciplina como Ciências, pode-se desenvolver um projeto trabalhando, por exemplo, artrópodes. Além da construção do animal, discutiremos a classificação, as características e os cuidados com os peçonhentos. (...)”

cantamento por essa atividade. Alunos com outras deficiências também podem ser beneficiados através deste projeto. Para Andreia Falcão, é fundamental recriar condições objetivando o favorecimento e fortalecimento dos vínculos afetivos, bem como estimulando o contato com objetos concretos e tecnológicos que fornecem estímulos sensoriais, aos quais essas crianças se mostram fortemente atraídas. “Penso no robô como um meio para se chegar à interação social e não como fim”, completa.

Por mais que a robótica seja mais um leque para as oportunidades pedagógicas, ela ainda é recente aqui no Brasil se compararmos ao contexto internacional, onde esta metodologia já adquiriu um lugar de destaque. Para Andreia Falcão, este ramo da educação ainda não possui políticas públicas de abrangência no país, e dentre as

Essa atividade lúdica valoriza o trabalho em grupo, a cooperação, melhora a postura diante de problemas e hipóteses, promove o diálogo e o respeito a diferentes opiniões





O aluno passa a aprender através de seus próprios erros e acertos, investigando, explorando, planejando e dando forma ao que se passa em sua cabeça

Professor, saiba como desenvolver essas atividades lúdicas em sala de aula

Há duas maneiras de se trabalhar robótica em sala de aula. A primeira é para apoiar o aprendizado de disciplinas como Ciências e Matemática. A segunda é a possibilidade de trabalhar também a tecnologia em si, agregando conteúdos extracurriculares à atividade. Ambas as possibilidades incentivam o trabalho em equipe e o raciocínio lógico. A professora Andreia Falcão ressalta uma nova postura frente ao processo ensino-aprendizagem, que já não se satisfaz somente com a informação transmitida pelo professor, mas prioriza o conhecimento construído pelos alunos, modificando a ação educativa e valorizando atividades lúdicas para serem desenvolvi-

razões para isso estão também a falta de informação e formação dos professores, do corpo gestor das instituições, o alto custo dos kits de robótica e outros mais. Mesmo com todos esses percalços, esta atividade tem atraído a atenção das escolas, que se veem seduzidas pela possibilidade de o educando vivenciar experiências que até o momento só eram possíveis no campo teórico e ao mesmo tempo estar em contato com várias tecnologias atuais e desafiadoras.

A robótica é mais um leque para as oportunidades pedagógicas, ela ainda é recente aqui no Brasil se compararmos ao contexto internacional, onde esta metodologia já adquiriu um lugar de destaque.



O aluno sai da carteira para virar um observador/inventor e transforma as páginas de um livro em máquinas capazes de interagir com o meio ambiente



das em sala de aula. “Em uma disciplina como a Ciências, pode-se desenvolver um projeto trabalhando, por exemplo, artrópodes. Além da construção do animal, discutiremos a classificação, as características e os cuidados com os peçonhentos. Descobriremos, ainda no projeto finalizado, a divisão do corpo desses invertebrados e, com a inserção dos motores, podemos observar e desenvolver uma esquematização da dinâmica dos movimentos desses bichos, além de trazermos curiosidades sobre eles”, finaliza.

■ *Colaboração: Leonardo Mega*

Andria Falcão é Mestre em Tecnologias na Educação pela Universidade de Brasília, pesquisadora do uso da Robótica Educacional no meio escolar, proprietária da empresa Robótica na Sala de Aula (www.roboticanaladeaula.com), psicopedagoga com foco no uso das novas tecnologias para crianças com dificuldades de aprendizagem, consultora educacional e palestrante.

ESCOLA QUE PREPARA PARA A VIDA

Festival apresenta diferentes gêneros literários visando o desenvolvimento crítico dos alunos

Desenvolver nos alunos o gosto pela leitura é um dos maiores desafios das escolas. Na Nosso Espaço Creche Escola esta é uma prioridade, tanto que no calendário entregue aos pais no início do ano letivo existe uma data específica para a culminância de um dos principais projetos pedagógicos da instituição: o Festival Literário. Mas, do primeiro dia de aula até o momento final, muito livros circulam pelas salas de aula.

Para ter uma ideia de como a leitura é levada a sério na escola, lá os alunos do Ensino

Fundamental I precisam ler um livro por mês. O trabalho é desenvolvido de acordo com o conteúdo curricular de cada série e durante a vida escolar os estudantes têm a possibilidade de conhecer diferentes gêneros literários. Dessa forma, eles conseguem identificar as características de um conto ou de uma poesia antes mesmo de concluir o terceiro ano.

A coordenadora pedagógica da Nosso Espaço, Tatiana Borer, explica que no Ensino Fundamental cada série tem foco em um gênero literário específico, mas o trabalho de estímulo à leitura é iniciado ainda na Educação Infantil, quando as professoras utilizam muitos contos





de repetição, textos com rimas e poemas curtos para apresentar aos pequenos a magia dos livros. Quando chegam ao primeiro ano, os alunos leem os clássicos da literatura infantil; no segundo conhecem livros com releituras dos clássicos, como, por exemplo, “A Chapeuzinho Azul”, no terceiro ano as poesias e, no quarto e quinto, contos de aventura e outros clássicos.

“Um bom trabalho de literatura é o pressuposto de uma boa alfabetização. Pra gente, alfabetização é letramento, é aprender a ler o mundo, é o entendimento do contexto e não apenas a identificação de códigos. Alcançamos um resultado ainda mais positivo para o aluno quando

um bom trabalho é realizado desde a Educação Infantil, por este motivo temos uma atividade tão intensa em literatura. Através da leitura, nós procuramos oferecer as ferramentas para que as crianças possam entender e se posicionar no mundo”, esclarece Tatiana.

Ao longo do ano, os professores desenvolvem diferentes atividades lúdicas nas turmas com o objetivo de fazer com que eles se interessem cada vez mais pelos livros. Em 2016 a “Chapeuzinho Vermelho” e as princesas dos contos de fadas tiveram um destaque especial antes mesmo do Festival. As professoras da Pré-Escola, Fernanda Pacheco e Natália Muglia,



realizaram com os alunos o “Baile das Princesas e dos Príncipes” e, na semana que antecedeu o evento, a “Chapeuzinho Vermelho” esteve em sala de aula para convidá-los para as atividades.

“O Baile foi uma introdução ao Festival Literário e as atividades foram contextualizadas a partir da leitura de “Faz e Acontece no Faz de Conta”, de Lalau e Laura Beatriz. Lemos o livro, os alunos ouviram outros contos de fadas e participaram de jogos educativos, teatro, pinturas, brincadeiras em grupo e oficina de coroas e espadas. Uma semana antes, as professoras se vestiram de “Chapeuzinho Vermelho” para ler o clássico para as crianças e convidá-las para o baile”, detalha Fernanda.

O primeiro ano participou de uma atividade parecida, só que baseada na leitura de “Meu Primeiro Livro de Contos de Fadas” – coletânea que reúne quatorze obras clássicas –, e utilizou o lúdico para desenvolver habilidades de Língua Portuguesa e Matemática. Devidamente caracterizados de reis, rainhas, príncipes e princesas, os alunos interpretaram as histórias do livro, participaram de jogos matemáticos, votaram no conto preferido, dançaram durante o baile e desfilaram para os amigos de classe.

Durante a culminância do projeto – o Festival Literário –, as apresentações ocorreram em sala de aula e para pequenos grupos de visitantes. Assim, cada responsável pôde ver de perto o trabalho com foco em literatura desenvolvido com os alunos ao longo do semestre. Para que os colegas pudessem assistir o desempenho uns dos outros, os educadores organizaram ensaios abertos durante o recreio na semana que antecedeu o evento.

Cada apresentação levou em consideração o conteúdo curricular, as habilidades específicas do estudante e a decisão coletiva das turmas. As professoras procuraram utilizar também outras linguagens, como filmes, teatro, recital, música e exposição de fotos e cartazes. Além disso, cada turma teve a missão de produzir um livro coletivo baseado no gênero literário trabalhado em sala de aula. A obra fica na classe durante o ano e os alunos podem levá-lo para casa caso desejem mostrá-la aos pais.

A professora Viviane Aquino destaca outros pontos positivos que devem servir de estímulo para que as escolas invistam em projetos literários. Ela ressalta também a importância da leitura no processo de formação do cidadão: “O maior papel da escola é formar leitores. Projetos de literatura possibilitam que os alunos tenham contato com diferentes gêneros, estilos e autores. Quando a criança lê, amplia o vocabulário, consegue se expressar melhor, estimula a imaginação. O cidadão que mantém esse hábito pode analisar melhor o mundo ao seu redor e com isso se posicionar de forma crítica e coerente”.

■ *Por Marcela Figueiredo*

Nosso Espaço Creche Escola

Rua Coronel Tedin, 211 – Pechincha – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22740-240

Tel.: (21) 3392-1352

E-mail: direcao@nossoespacocrecheescola.com.br

Direção: Maria do Carmo Tenório Rocha

Fotos: Marcela Figueiredo



Guia Histórico

CENTRO CULTURAL MUNICIPAL LAURINDA SANTOS LOBO

“O Laurinda”, como é conhecido, é o centro cultural mais ligado à memória do bairro de Santa Teresa. No espaço acontecem exposições e projeções fotográficas, oficinas de dança e de música, apresentações teatrais, atividades infantis, recitais de piano e eventos diversos ao ar livre.

Apesar de o centro cultural receber o nome da principal mecenas do bairro, Laurinda nunca morou no casarão rosado. A homenagem aconteceu em um período em que sua antiga residência, atualmente o Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas, estava abandonada.

O Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo foi criado em 1979 por sugestão de um grupo de moradores ilustres de Santa Teresa, liderados pelo teatrólogo Paschoal Carlos Magno. Continuando com a tradição de incentivar a cultura implementada pela antiga mecenas do bairro, o espaço é um importante lugar para as manifestações culturais locais. Pelo *Projeto Acolhimento*, lá instalado desde 2009, já passaram mais de 100 grupos artísticos que tiveram a possibilidade de realizar seus ensaios e experimentações nas dependências do casarão.

Laurinda, mecenas de Santa Teresa

Laurinda foi uma mulher especial que no início do século passado agitava o bairro de Santa Teresa

com seus saraus, frequentados por expoentes da vida cultural nacional e internacional. Era uma dama da sociedade carioca e herdeira de uma rica e poderosa família, que se dividia entre o Rio de Janeiro e Paris. O Salão de Laurinda, realizado em sua residência durante a década de 1920, foi o ponto de encontro do Modernismo. Incentivadora das artes na *Belle Époque* carioca, conhecida como a “marechala da elegância”, Laurinda costumava reunir intelectuais e artistas nas dependências do seu antigo palacete, cujos salões testemunharam transformações artísticas e políticas do país. Villa-Lobos, João do Rio, Nilo Peçanha, Epitácio Pessoa, Isadora Duncan e Tarsila do Amaral foram alguns dos artistas que por lá circulavam.

■ Colaboração: *Richard Günter*

Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo

Rua Monte Alegre, 306 – Santa Tereza – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20240-193

Tel.: (21) 2215-0618

E-mail: cclobo.gestao@gmail.com

Visita guiada: de terça-feira a domingo, das 10 às 20h
Entrada gratuita.



ALCOOL

REFRIGERANTE

RESISTENTE

NSÃO

SISTEMA ÓSSEO

Função do sistema ósseo
O sistema ósseo tem a função de dar suporte e sustentação ao corpo humano, além de proteger os órgãos vitais. Também atua no armazenamento de cálcio e fósforo, e na produção de células sanguíneas.



Articulações

As articulações são pontos de encontro entre dois ou mais ossos, permitindo o movimento do corpo. Podem ser classificadas em sinoviais, fibrosas e cartilaginosas.

Tipos de articulações



Tendões e Músculos



Além disso...

FEIRA INTERDISCIPLINAR

O trabalho interdisciplinar é uma janela aberta para novas descobertas, possibilitando a compreensão das partes que ligam as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante da investigação, na tentativa de superação do saber. Baseados nesses princípios, alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Padre Anchieta, em Duque de Caxias, participaram de mais uma Feira Interdisciplinar, atividade pedagógica que anualmente agita a comunidade escolar.

A feira não tem um tema específico e, por isso, alunos e professores puderam explorar diferentes assuntos, independente dos conteúdos trabalhados em sala de aula. A professora de Sociologia Priscila Pires orientou os trabalhos de uma turma do 1º ano, que abordou as mazelas sociais. “A proposta foi fazer um levantamento de problemas da humanidade que ocorreram em diferentes partes do mundo, retratando como isso foi posto na história, e assim provocar a reflexão, trazendo o foco da questão para o nosso momento atual”, conta. A professora Iara Brito de Andrade leciona Ensino Religioso, História, Filosofia e Sociologia. Ela, juntamente com os professores de Artes e Educação Física, abordou, com alunos do 2º ano, o corpo humano sob diferentes perspectivas. “O desafio proposto aos estudantes foi como interligar todas essas vertentes das várias disciplinas em uma única proposta”, aponta a docente. Os alunos apresentaram um esquete em que foi colocada em discussão a questão do que é ser belo; outro grupo abordou o corpo como um ambiente sagrado e como as várias religiões tratam do tema; outro aspecto foi analisar a questão sob a ótica dos praticantes de atividades físicas, provocando uma reflexão sobre hábitos saudáveis e atitudes que são prejudiciais, tais como o uso de anabolizantes.

A professora de Língua Portuguesa Maria Isabel Tesch coordenou os trabalhos de outra turma do 2º ano, que abordou a literatura realista, cujos autores eram motivados pelas teorias científicas e filosóficas da época. “O tema buscou explorar o contexto histórico da produção daquele período (começou na segunda metade do século XIX) e também estudar as teorias científicas que influenciaram os poetas e os autores daquele estilo”, justifica. A turma foi dividida em três grupos: um ficou responsável por ambientar o contexto histórico, outro trabalhou as teorias científicas, explicando o que elas significam, e um terceiro tratou do movimento realista em si. Elena Soares foi uma das alunas que explanou o tema aos visitantes: “O realismo é considerado a pintura objetiva da realidade, uma forma de reação ao excesso de espiritualidade”, apontou. A estudante Ketilly Araújo retratou os autores nacionais que fizeram parte do movimento: Machado de Assis, Raul Pompéia e Aloisio Azevedo e ainda traçou as características do realismo e do naturalismo.

Já Marcelo de Oliveira, também professor de Língua Portuguesa, trabalhou com uma turma do 3º ano o tema “amor”. Os alunos fizeram um apanhado de canções e poemas que retratassem esse sentimento sob diferentes pontos de vista. “Pedi a eles que fizessem um levantamento que abrangesse desde o início do século passado até a atualidade, com um breve histórico de quem escreveu e de quem canta”, resume o professor.

Os alunos também cantaram e declamaram poemas. Segundo Marcelo, a Feira Interdisciplinar é um estímulo para que o aluno busque novos conhecimentos: “Todas as vezes que fazemos esse tipo de trabalho aqui na escola o resultado é sempre muito animador. Eles ganham um gás novo, se envolvem profundamente com aquilo que estão construindo. Eles veem um sentido para o que estão fazendo”. Os alunos Santiago Rocha e Wesley Zanirate, além do ex-aluno Wallace Zanirate (irmão de Wesley), compuseram um *rap* que destaca a educação como mola propulsora para um futuro melhor.

Outra turma do 3º ano teve como orientador o professor de Matemática Edmilson Leal de Santana. Os alunos pesquisaram sobre a bomba atômica. Enquanto uma parte da turma explorou a sua composição química, outra abordou os motivos e consequências dos artefatos lançados sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão, em agosto de 1945. A aluna Ângela Shimith ficou no grupo que apresentou um vídeo explicando toda a história. “É incrível que mesmo passados 71 anos ainda haja relatos de efeitos provocados pela explosão. Sem dúvida, um fato que merece muita reflexão”, afirma. Para o professor Carlos Magno, um dos grandes benefícios que a feira interdisciplinar agrega é exatamente o de provocar no aluno a reflexão e o amadurecimento sobre variados temas. “Além de transmitir conhecimentos sobre determinada disciplina e auxiliar no desenvolvimento de



habilidades importantes, estimular a reflexão entre os estudantes é uma das mais importantes missões do professor. E um dos caminhos para chegar a isso, sem dúvida, são projetos como os da Feira Interdisciplinar”, avalia

O evento deste ano contou ainda com a participação de alunos do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ – Unidade Mesquita). Eles trouxeram para a escola um espaço de ciência interativa com experimentos de Matemática e Física. A prática de ilusão de ótica, utilizando reflexo de espelhos planos e esféricos, foi a que mais despertou interesse de professores e alunos da escola. Quem também compareceu para acompanhar a desenvoltura dos estudantes durante feira foi a mediadora pedagógica da Coordenadoria Regional Metropolitana 5, Mônica Abreu da Costa. Ela é uma das defensoras deste tipo de projeto: “Ao participar de uma feira interdisciplinar, o aluno enxerga as disciplinas como um todo e não separadamente. Ela possibilita ao estudante ter uma visão mais clara de como os conteúdos se interligam e isso facilita o processo de aprendizagem. Já venho acompanhando o trabalho do professor Renan à frente da escola e vejo como essa unidade caminha bem, com a participação efetiva dos corpos docente e discente e também da comunidade na qual está inserida”.

O diretor-geral Renan de Oliveira Costa lembra que a feira acontece num momento festivo em que o colégio comemora 45 anos

de atividades: “A culminância do projeto nos possibilita comemorar a data da forma que a comunidade escolar gosta, por meio de atividades diversificadas. Sempre que organizamos uma feira interdisciplinar há a proposta de oportunizar ao aluno ampliar seus horizontes, momento de produção e de crescimento. Hoje, as avaliações externas têm essa interação entre as disciplinas. Aquele método tradicional que contemplava apenas conteúdos no quadro já não tem mais espaço. Hoje, busca-se uma contextualização e, por isso, trilhamos esse caminho”. A Feira Interdisciplinar mobilizou todas as 24 turmas divididas nos três turnos. Apenas as da noite tiveram um tema específico, que foi saúde preventiva. Os alunos promoveram uma caminhada no entorno da escola realizando um trabalho de conscientização no combate ao mosquito *aedes aegypti*.

■ Por Tony Carvalho

Colégio Estadual Padre Anchieta

Av. 31 de Março, s/nº – Parque Paulista – Duque de Caxias/RJ

CEP: 25261-000

Tel.: (21) 3666-1278

E-mail: cepadreamchieta@hotmail.com

Diretor: Renan de Oliveira Costa

Fotos: Tony Carvalho





Opinião

De mãos dadas: escola e família nos debates educacionais brasileiros

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

Um tema que vem mobilizando muitos dos envolvidos no campo educacional, como gestores, professores e pais de alunos, é o das relações entre escola e família. No caso das pesquisas educacionais, tem sido dado destaque às tensões que marcariam as relações entre essas instituições, mas também à importância do estabelecimento de uma firme parceria entre ambas, como um elemento essencial nos processos de escolarização de crianças e jovens. Ao adotarmos a perspectiva da história, poderemos observar que tais discursos não são novos. Refiro-me tanto àqueles que reforçam a importância da aproximação entre escola e família, quanto aos que sublinham a dificuldade de sua concretização em termos desejáveis.

No cenário dos debates na sociedade brasileira dos anos 1920/1930, quando a instituição escolar assumia uma preeminência progressiva frente a outros espaços e tempos educativos, essa questão era valorizada, sendo abordada por diferentes sujeitos. De um lado, educadores vinculados ao movimento católico, organizado em contraposição ao processo de laicização da educação pública, falavam em nome da família – identificada com a família católica – e defendiam sua centralidade diante da escola, a qual deveria atuar como “prolongamento” da primeira. A partir da compreensão dos valores religiosos como base da formação dos indivíduos, educadores como Alceu Amoroso Lima e Leonel Franca justificavam sua luta em prol do retorno do ensino religioso à escola pública, obtendo sucesso em 1931, quando um decreto do Presidente Getúlio Vargas vai ao encontro de sua demanda.

Já educadores identificados com o movimento da Escola Nova, como Anísio Teixeira e Cecília Meireles, empunharam a bandeira da escola pública laica. E, ainda que enfatizassem o papel “civilizador” dessa escola e a centralidade da função educativa do Estado, assinalavam que, sem o concurso das famílias, as proposições renovadoras não se traduziriam em realidade na vida de alunos e alunas de então. Uma ideia repetida à época e que aparece, por exemplo,

em um boletim da Associação Brasileira da Educação (ABE), de 1928, traduz a defesa do ponto de vista de que: “A escola e o lar precisam andar de mãos dadas”.

Entre os anos 1950 e início da década de 1960, no contexto da formulação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os debates foram atualizados. Educadores remanescentes do movimento da Escola Nova manifestavam novamente suas posições em favor da democratização da educação brasileira, tendo como vetor central a escola pública, obrigatória e gratuita e a extensão de seu acesso a amplos segmentos da população. Confrontando-se com o foco na escola pública, os educadores vinculados à Igreja Católica reagruparam-se, posicionando-se em um sentido de forte aproximação com os interesses das escolas particulares. Novamente, falando em nome da “família”, o grupo entendia que a escolha dos pais deveria prevalecer na escolarização dos filhos. Pensavam que “uma aulinha de religião”, tal como se apresentaria nas escolas públicas, não bastaria, e que o Estado deveria ir além no atendimento dos anseios das famílias, fornecendo subvenções públicas às escolas particulares e, em especial, às confessionais. Tais demandas foram atendidas, em grande medida, na primeira LDB, promulgada em 1961, sendo reforçadas por meio de políticas públicas instituídas a partir do golpe civil-militar de 1964.

Ainda que a questão do papel da família e da escola na educação das novas gerações se mantenha em disputa no campo educacional, em dias atuais, mudanças significativas foram observadas no contexto da redemocratização do país, com a promulgação da Constituição de 1988 e da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996.

Direitos educacionais foram consolidados e a escola pública, democrática e plural parecia ter se estabelecido como espaço por excelência do exercício dos mesmos. O diálogo entre professores e pais de alunos, preconizado em diferentes momentos e por variados atores do

campo educacional, como um caminho essencial em favor do desenvolvimento de crianças e jovens, adquiriu centralidade nas concepções e políticas relativas à gestão democrática da educação. Por isso, causa espanto a expressão, em nosso presente, de posições que parecem identificadas a um outro presente, quando as “Marchas com Deus pela Família e pela Liberdade” em favor do golpe de 1964, ou como comemoração do mesmo – ocorreram em diversas cidades brasileiras, e das quais parecíamos ter nos despedido no quadro da redemocratização. Hoje, no ano de 2016, projetos de lei tramitam em diferentes casas legislativas brasileiras, defendendo a família como autoridade praticamente exclusiva na educação de crianças e jovens e estimulando sua intervenção no espaço público, representado pela escola, inclusive em um viés coercitivo em relação aos professores. Tais projetos têm se vinculado ao

movimento intitulado “Escola sem Partido”, contra o qual setores diversos identificados à defesa da educação democrática e da escola pública no Brasil têm se mobilizado, posicionando-se a favor da manutenção de conquistas obtidas ao longo de décadas. E tais setores, em lugar de concordar com o confronto entre família e escola, como esses projetos têm indicado, em claro prejuízo dos educandos, reafirmam sua posição em favor da aproximação e da troca permanente entre professores, professoras, pais e mães, e do espaço escolar como um espaço de diálogo, diversidade, crítica e construção livre do conhecimento.

*Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi é doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é professora associada de História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Appai e você:
a qualquer hora e
em qualquer lugar

Disponível em:

Disponível na Google Play Disponível na App Store



Educação Infantil / Artes

OFICINAS QUE TRANSFORMAM A ARTE DE SER CRIANÇA



A renovação da linguagem da Semana de 1922 aproxima os pequenos dos múltiplos aspectos culturais

No século XX, as artes brasileiras passaram por uma grande transformação e o marco inicial foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que representou uma renovação de linguagem, na busca de experimentações e na liberdade criadora da ruptura com o passado. No Espaço de Desenvolvimento Infantil Ludmila Máximo Moreira Cardoso, em Campo Grande, as crianças do Berçário ao Pré-Escolar II também estão vivenciando grandes transformações propiciadas pelo contato direto com o mundo das artes. Elas participaram da *Semana de Arte Moderna*, projeto que envolveu diretamente a participação de pais, alunos e corpo docente. A proposta foi trabalhar os diferentes aspectos culturais

que a arte proporciona (pintura, escultura, poesia, literatura, música, teatro, dança e fotografia) relacionando-os com os artistas da Semana de Arte de 1922 e o movimento modernista que se desenrolou em todo o mundo. A atividade fez parte da culminância do projeto *A arte de ser criança: EDI Ludmila de mãos dadas com a arte construindo sua história*.

Durante os preparativos para a mostra, os pais foram convidados a participar de oficinas, como é o caso de Roseane Rodrigues, mãe da aluna Larissa da turma Pré-II. Ela ajudou a confeccionar adereços que foram utilizados pela turma durante a culminância do projeto. “Voltamos a ser crianças novamente. Alguns pais tiveram até dificuldade para colar. Foi muito divertido”, relata. Cada turma caprichou na produção de suas obras. O Maternal II, da professora Andrea Freitas, construiu um barco, escultura feita com a participação dos pais e decorada pelas crianças. “É uma obra do artista plástico Alfredo Volpi, pintor ítalo-brasileiro considerado pela crítica como um dos artistas mais importantes da segunda geração do modernismo. Ele é o autor das bandeirinhas das festas juninas e sua obra-síntese intitula-se justamente “O barco com bandeirinhas e pássaros”, pois ela apresenta duas coisas pelas quais Volpi era apaixonado”, explica a professora. Para ela, trabalhar as aptidões artísticas da criança é um caminho que o educador deve sempre percorrer: “Quando o aluno é estimulado à arte, valores são



A culminância do projeto contou com apresentações de poesia e várias manifestações artísticas, dentre elas uma de dança folclórica

agregados. É muito bom poder inserir esses conhecimentos na Educação Infantil. Eles ficam bem empolgados e tudo o que fazemos tem um porquê. Nada

é sem sentido”. Cada turminha escolheu sua técnica de pintura, usando guache ou tinta de tecido, com pincel, batedor ou as próprias mãos. O que valeu foi a

criatividade. Trabalharam ainda com dobraduras, recorte de jornais e figuras geométricas.

O professor da Pré-escola II, André Bezerra, comemora os resultados do projeto: “A criança se envolve por completo. As atividades com arte desenvolvem as aptidões criativas e fazem com que ela se expresse melhor. Mas é bom deixar claro que não se trata apenas de uma mostra específica, pois a escola já aplica isso no seu cotidiano”, enfatiza o professor que, além das ativi-

dades com pintura, dobradura e escultura, também preparou para a culminância do projeto uma apresentação de dança folclórica. Já a professora Mariane Cristina, da turma Pré-I, ficou responsável pela poesia. Ela trabalhou com as obras de Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Manoel Bandeira, atividades que contribuiriam sobremaneira para o letramento dos alunos. Vanuza Guedes, mãe do aluno especial Lucas, da Pré-escola I, está sempre presente no dia a

dia da escola e testemunha todo o envolvimento das crianças. “A relação entre família e escola deve sempre acontecer. No meu caso específico, eu vejo a interação do meu filho com as outras crianças e percebo a dedicação e o cuidado dos professores. No início, fiquei com medo, mas hoje percebo que esse contato com os coleguinhas está fazendo com que ele se desenvolva cada vez mais”, afirma.

Danielle Milioli trabalha com a turma do Maternal II e tam-



Cada turminha escolheu sua técnica de pintura, usando guache ou tinta de tecido, com pincel, batedor ou as próprias mãos

bém é professora articuladora do turno da manhã. No projeto, ela abordou Tarsila do Amaral, Heitor Villa-Lobos e alguns pós-modernos como Joan Miró, Pablo Picasso e Romero Brito. “Trabalhamos pintura, que já está no nosso cotidiano, e ainda um pouco de poesia, música, fotografia e teatro. Ou seja, abordamos a arte em geral. Os alunos se apaixo-

naram, porque é uma coisa viva, cheia de cores”, justifica. Sobre a relação família-escola, a educadora faz uma avaliação: “Temos um retorno muito positivo. A vantagem de atuarmos dessa maneira é que fugimos daquela coisa de datas comemorativas, que não deixamos de abordar, mas sempre dentro do projeto. As crianças não se caracterizam

para comemorar por exemplo o Dia do Índio. Nós damos uma outra roupagem para tratar desse tema, mostrando que os indígenas pertencem a várias etnias e que a sua diversidade deve ser respeitada. No início, conversamos com os pais, porque eles querem ver as atividades no caderno. Até entenderem que aqui é um espaço de educação infantil



Uma artista plástica participou da mostra apresentando suas obras de Pop Art e conversou com os pais presentes dividindo suas experiências

em que se trabalha a criança na sua totalidade. Mas agora temos um ótimo retorno. Eles estão vendo um amadurecimento dos seus filhos, a ponto de fazerem comentários quando se defrontam com a obra de um artista que eles estudaram. Os pais nos dão retorno disso. É uma parceria importante para que o trabalho seja bem desenvolvido”.

A artista plástica Aline Silva participou da mostra apresentando suas obras de *Pop Art*. Ela conversou com as crianças e os pais presentes, relatando como começou o seu interesse pela pintura: “Sempre gostei de desenhar, mas foi em 2012, quando cursava o Ensino Médio numa escola pública, durante as aulas de Arte, que conheci e me encantei por esse estilo, surgido na década de 1950 na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade a partir dos anos 1960 nos Estados Unidos. Estou aqui para mostrar o que eu aprendi na escola e para dizer que todos somos capazes, basta aproveitar as oportunidades”, declara a artista de apenas 23 anos.

A diretora adjunta Analice Vasconcelos de Oliveira Moreira acompanhou as reuniões e as oficinas com os pais e ouviu vários depoimentos de encantamento e satisfação. “Muitos nem queriam ir embora.

Eles participaram da construção de lindas obras de arte. E para as crianças é uma alegria a mais ver os pais inseridos no processo, como coautores do nosso projeto”. A diretora-geral Ana Cristina Moreira de Oliveira também celebra os resultados positivos dessa iniciativa: “É um prazer trabalhar com a primeira infância. Tudo é desenvolvido junto com os alunos. Com isso, eles criam um vínculo de pertencimento com a escola, pois são o tempo todo inseridos no processo. Dentro do projeto que nos propomos a construir, nós transitamos pelas diversas áreas do conhecimento, utilizando todos os ambientes da escola. Mas o fundamental é o sentimento de pertencer, que é da família, dos professores e dos alunos também”.

■ Por Tony Carvalho

EDI Ludmila Máximo Moreira Cardoso

Rua Pedro Leão Veloso, s/nº – Diana – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23058-250

Tel.: (21) 3394-1968

E-mail: ediludmila@rioeduca.net

Diretora-geral: Ana Cristina Moreira de Oliveira

Fotos: Tony Carvalho

INFINITIVO, GERÚNDIO E PARTICÍPIO: BEM USADOS, AJUDAM SEU TEXTO A SER MAIS EXPRESSIVO

Por Sandro Gomes*



Nessa edição vamos falar um pouco das Orações Reduzidas, que recebem esse nome porque com elas evitamos o uso excessivo de conectivos, o que por vezes colabora para que o texto fique repetitivo e deixe a desejar em termos de expressividade e fidelidade à norma culta, necessária em algumas ocasiões. Para reduzir as orações recorreremos às chamadas Formas Nominais, que são o Infinitivo, o Gerúndio e o Particípio. Para iniciar, vamos exemplificar como as orações reduzidas podem conferir uma melhor expressão (e também beleza, por que não?) a seu texto.

*O vendedor **que** estava a minha direita garantiu **que** era de primeira qualidade a mercadoria **que** eu tanto procurava.*

Nessa oração podemos perceber que o **que** foi empregado três vezes. Agora vamos ver como, construída de outra forma, a sentença poderia ficar mais dinâmica e agradável.

*O vendedor da minha direita garantiu ser de primeira qualidade a mercadoria **que** eu tanto procurava.*

Repare que agora o conectivo aparece apenas uma vez. Para eliminar o segundo deles (...**garantiu que era de primeira...**) fizemos a substituição por uma oração reduzida de infinitivo (...**garantiu ser de...**), através do verbo **ser**.

Assim, passamos a examinar alguns casos de Oração Reduzida, utilizando formas nominais.

Reduzidas de Infinitivo

- *Não gosto de você **andar** desacompanhado.* (Desenvolvida: *Não gosto de **que** você **ande** desacompanhado.*) Repare que a oração ...**você andar desacompanhado**. tem o valor de um objeto indireto, isto é, de um nome, completando o verbo **gostar**, daí tratar-se de uma oração substantiva.
- ***Por estar cansado**, decidi não competir.* (Desenvolvida: ***Porque estava cansado**, decidi não*

competir.) Nesse caso foi necessário também introduzir a conjunção **Porque** na desenvolvida, ou seja, houve uma mudança de estrutura frasal.

Reduzidas de Particípio

- ***Choramos muito depois de passado o susto.*** (Desenvolvida: ***Choramos muito depois que o susto passou.***)
- ***Alcançados os tempos, os atletas serão confirmados.*** (Desenvolvida: ***Se alcançarem os tempos, os atletas serão confirmados.***)

Reduzidas de Gerúndio

- ***Encantei-me com o violino soando.*** (Desenvolvida: ***Encantei-me com o violino que soava.***)
- ***Retornando à escola, telefone-me.*** (Desenvolvida: ***Quando retornar à escola, telefone-me.***)

Observações:

– Quando fazem parte de locução verbal, o infinitivo, o gerúndio e o particípio não formam orações reduzidas. Veja os exemplos:

Preciso trabalhar ainda este ano na fábrica.

Os médicos estão atendendo os feridos.

O espetáculo foi cancelado pela direção.

– Certas orações reduzidas não podem ser desenvolvidas:

Tenho muita vontade de obter esse vestido.

Ela subiu na vida criando novos produtos.

Amigos, sobre Orações Reduzidas é isso. O ideal para dominar bem esse assunto é entender o uso das formas nominais, pois, como já vimos, nem sempre a presença de uma delas representa um procedimento de redução. Até a próxima, pessoal!

*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Colunista do *blog* da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

MARCELO CLOSER (19/03/1984)



Atuação: Diretor, Editor,
Cineasta, Produtor, Roteirista,
Diretor de Fotografia, Montador,
Músico, Diretor de Arte, Diretor
de Produção, Diretor de
Cast, Diretor de
Cenário

CONDIÇÕES PARA O ALUGUEL

- 1. O aluguel é feito por hora, com um valor mínimo de 1 hora.
- 2. O aluguel é feito por hora, com um valor mínimo de 1 hora.
- 3. O aluguel é feito por hora, com um valor mínimo de 1 hora.
- 4. O aluguel é feito por hora, com um valor mínimo de 1 hora.



INDICAÇÃO DE FILM



Este filme é uma obra-prima do cinema brasileiro, que mostra a vida de Marcelo Closer, um dos maiores cineastas do país. O filme é uma homenagem ao seu trabalho e à sua vida, e é uma obra que não pode ser deixada de lado por quem se interessa pelo cinema brasileiro.



OS CIENTISTAS DO BRASIL

M

ilton Santos, Duília de Mello, Maurício Oscar, Suzana Herculano-Houzel, Marcelo Gleiser, Nise da Silveira, Carlos Chagas. O que estes cientistas têm em comum com a Escola Estadual Municipalizada Imbaú, no município de Silva Jardim? Muito mais do que se imagina! Os alunos do 9º ano do

Ensino Fundamental (re)descobriram a produção intelectual destes estudiosos e a expuseram aos colegas durante a *Feira dos Cientistas do Brasil* aberta a todas as séries.

Mais do que expor em murais redações e fotos de algumas figuras do campo da ciência, a proposta do projeto foi a formação de grupos de estudo com vistas à desmistificação do papel do pesquisador e a sua produção científica no país, principalmente em relação ao gênero.

O projeto teve como base teórica os ideais freireanos, de liberdade e educação para posturas autônomas, com o propósito de incentivar os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a conhecerem mais sobre a história de seu país, sobre pessoas que deixaram legados que, muitas vezes, perdem sua identidade em seu cotidiano.

Estruturada em três fases, a proposta foi aplicada nas turmas 901 e 902, divididas em duplas ou em trios. Na primeira fase, escolha dos cientistas-personagens, foram realizadas pesquisas e orientações para a apresentação dos dados em seminários – biografia e curiosidades. Conforme Francisco José Figueiredo Coelho, coordenador do projeto, essa etapa de exploração foi preciosa para solidificar as demais. Na segunda semana, as equipes elegeram um dos três



Mais do que expor em murais, a proposta do projeto foi a formação de grupos de estudo com vistas à desmistificação do papel do pesquisador e a sua produção científica no país, principalmente em relação ao gênero

cientistas, que seria o personagem da apresentação na Feira.

Na próxima fase, a produção dos materiais, a professora de Artes Mônica Narciso orientou os grupos, ficando cada um deles responsável por compor o melhor “cenário” visual com os dados essenciais sobre cada cientista brasileiro.

E, por último, a apresentação. Montada a exposição, os estudantes receberam seus colegas de outras turmas e professores de outras disciplinas,

além dos demais profissionais (Educação Física, Inglês e funcionários de apoio) para divulgar o que aprenderam e sobre a importância desses personagens para o Brasil. A correção ortográfica ficou a cargo da parceria com a disciplina de Língua Portuguesa.

Para que toda a comunidade escolar pudesse acessar a produção visual e textual das turmas e, também, as explicações sobre as especificidades de cada personagem e detalhes sobre sua vida e obra,

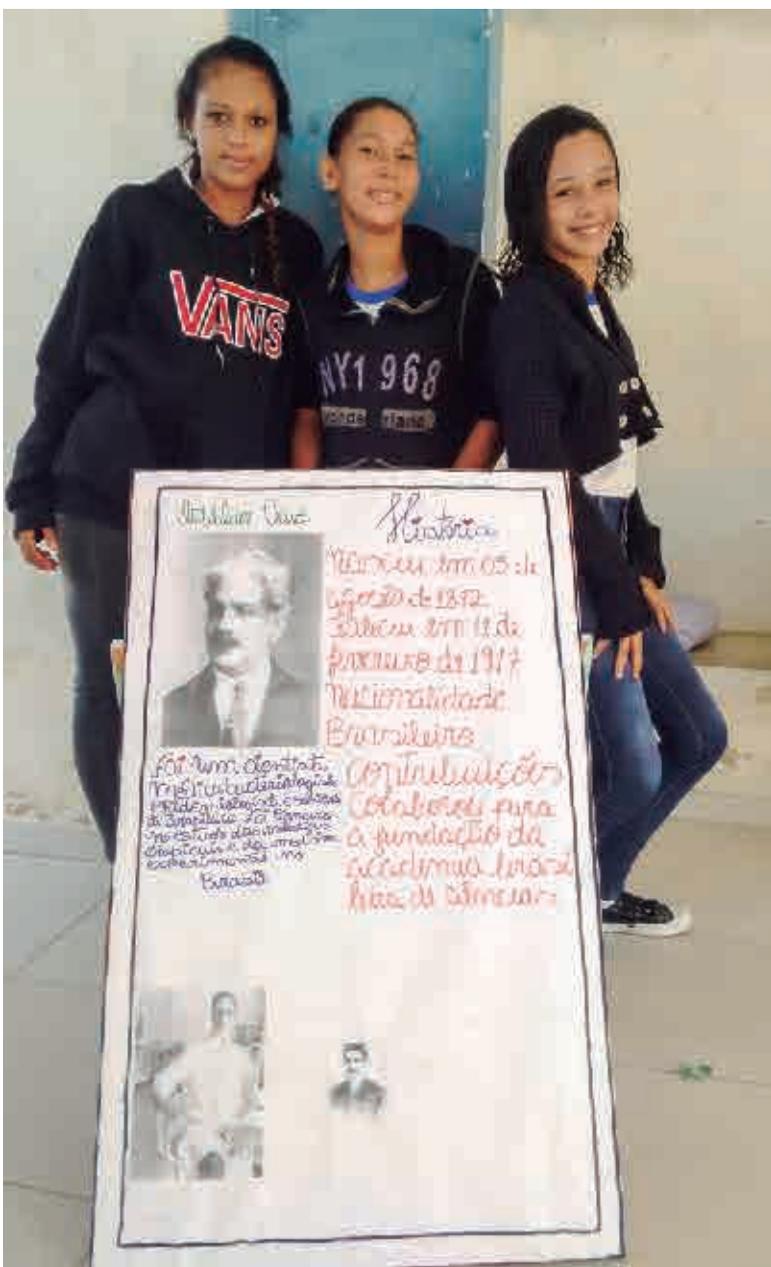
as apresentações foram realizadas no pátio. Dessa forma, as turmas da tarde puderam conhecer cientistas brasileiros que devotaram suas vidas à ciência e a qualidade do trabalho dos seus colegas.

Orgulhoso com o resultado, Francisco afirmou que o conteúdo produzido pelos jovens é um importante material de divulgação científica para outros públicos e pais que visitaram a escola durante os dois dias de exposição. O professor e doutorando em



Educação em Ciência e Saúde pelo IOC/Fiocruz observou que, através da dedicação e da avaliação parcial durante as diferentes etapas do projeto, foi possível perceber o potencial integrador que a Feira propiciou, sobretudo durante a apresentação e diálogo das equipes ao apresentar seus cientistas para os outros colegas da unidade escolar.

“Os alunos se surpreenderam com a confecção e apresentação dos pôsteres, saindo de suas zonas de conforto e habituando-se a lidar com regras e convenções científicas”.



Para que toda a comunidade escolar pudesse ver as explicações sobre as especificidades de cada personagem e detalhes sobre sua vida e obra, as apresentações foram realizadas no pátio

Francisco revela que, durante as orientações nas aulas, os discentes demonstravam curiosidade e, sobretudo, estranheza ao perceberem que muitas mulheres são referências em pesquisas científicas no campo da saúde e das ciências aeroespaciais.

“O projeto foi uma oportunidade de romper o mito de que a ciência no país é feita apenas por homens enclausurados em laboratórios técnico-científicos. Puderam perceber o cientista como um ser social, com qualidades e defeitos como qualquer humano”, afirmou Francisco. Para ele, também foi uma forma de divulgar as grandes referências científicas brasileiras, notadamente as figuras femininas, reconhecidas internacionalmente pela competência, sensibilidade e desejo de contribuição por um planeta mais justo e igualitário, mas de que os estudantes pouco ou nada conhecem.

A perspectiva para o projeto, segundo o desejo dos alunos, é de sua continuidade. Se no início se mostravam encabulados, depois, desenvolvidos e estimulados, avançavam em conhecimentos e nas trocas com a escola. “Eles gostaram da experiência de mostrar, dialogar sobre o que pesquisaram com tanto afinco para toda a comunidade escolar. E eu, por meu turno, fico feliz, pois mostramos que projetos de ciência no ensino básico podem ensinar, motivar e divulgar o conhecimento com qualidade”, concluiu o professor Francisco José Figueiredo Coelho.

■ Por Sandra Martins

Escola Estadual Municipalizada Imbaú

Rua Zenita Oliveira de Souza, s/nº – Distrito de Imbaú – Silva Jardim/RJ

CEP: 28820-000

E-mail: ensinodeciencias.ead@gmail.com

Tels.: (22) 2668-8473 / 2668-8408

Coordenador: Prof. Francisco José Figueiredo Coelho

Fotos cedidas pelo professor

Revista Galileu

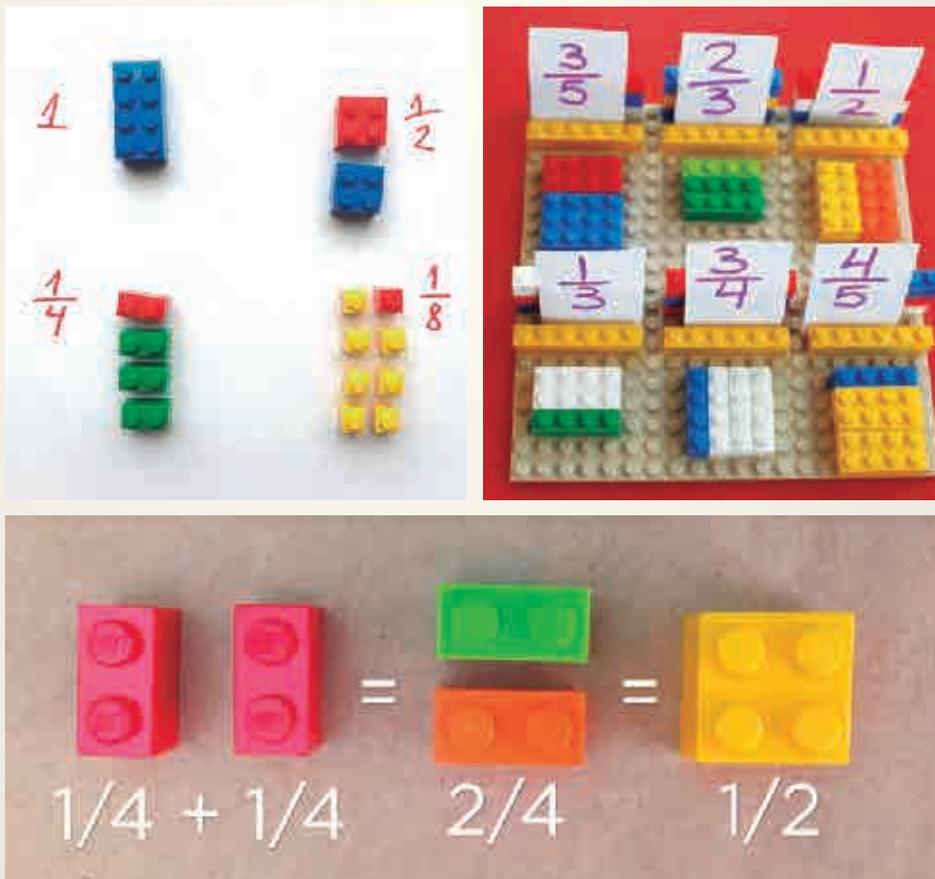
UMA FRAÇÃO DE ENCAIXE

Ao perceber a dificuldade que as crianças tinham com frações, educadora inseriu as peças de brinquedo nas lições dadas em aula

A professora Alycia Zimmerman, de Nova Iorque, nos Estados Unidos, encontrou uma nova forma de ensinar Matemática aos seus alunos: usando peças de Lego. A educadora contou sua experiência utilizando as pecinhas em sala de aula no *site* Scholastic.

Alycia dá aulas para estudantes da terceira série do Ensino Fundamental e considera que aprender frações seja uma das etapas mais complicadas para as crianças. “A única forma que encontrei para combater o receio que eles sentem das frações foi dar aos alunos várias oportunidades de experimentar frações com objetos tangíveis”, conta a professora. Daí entram as peças de Lego.

Veja abaixo algumas das formas como a educadora trabalha com os brinquedos em sala de aula:



Fotos disponíveis em:
<http://earlylearningtoys.org/fractions-with-lego/>
<http://www.tiempojunto.com/2015/04/24/70-maneras-diferentes-de-brincar-de-lego/>
<https://www.youtube.com/watch?v=30NtZyYpM>

História

CAMPO DE SÃO CRISTÓ DESCOBERTAS A CADA



ÓVÃO: A PASSO

Mapa vivo de um espaço em que predomina a diversidade cultural



Conhecer histórica e geograficamente novos cenários e reconhecer aqueles que emolduram onde se vive é para a jovem Thamires Lopes, 11 anos, algo muito importante, pois, além de conhecer novos lugares – ou “saber mais” –, se deve buscar “viver melhor no lugar em que a gente mora”, que também é aquele em que nossos colonizadores fizeram história. Sua impressão vai ao encontro da proposta defendida no projeto *Campo de São Cristóvão a pé: a cada passo uma nova descoberta*, realizado na Escola Municipal Gonçalves Dias, neste bairro de histórico monárquico. Para Ana Clara Corrêa, também de 11 anos, o projeto agrega outro valor: o de se poder aprender coisas que jamais se aprenderia somente em sala de aula. Sentir os lugares. Percorrer os caminhos ensinados pelo professor é um modo muito mais fácil de aprender a matéria.

Com tais declarações, o docente, idealizador e coordenador do projeto, Bruno Guimarães, pode se sentir realizado por ter atingido um de seus objetivos, o de incrementar a prática espacial dos alunos a partir da ampliação do conhecimento histórico e geográfico dos elementos que constituem o seu espaço vivido, neste caso específico o Campo de São Cristóvão.



Para isso, os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental (turmas 1.601, 1.602, 1.603 e 1.604) deveriam reconstruir o trajeto em um mapa vivo!

A primeira etapa, com duração de dois meses, abrangeu a exposição dos conceitos de transformação do espaço geográfico através da observação da paisagem, dando como exemplo o próprio bairro de São Cristóvão e seus processos de transformação espaçotemporais.

Posteriormente, ele inseriu, em suas aulas, a noção de representação cartográfica do espaço (mapas, coordenadas etc.) e a importância de saber também lidar com os referenciais de orientação (pontos cardeais, colaterais, instrumentos de orientação etc.) como estratégia para se apropriar do espaço vivido e viver melhor dentro dele.

A segunda etapa, também de dois meses, foi relacionada com o desdobramento dos conceitos construídos em sala.

Semanalmente, uma turma por vez visitava a pé três pontos do Campo de São Cristóvão – Museu de Astronomia, Centro Cultural Maçônico e Paróquia de São Cristóvão. No percurso, utilizavam a bússola e a representação do mapa, ao mesmo tempo em que ampliavam o conhecimento histórico e geográfico desses pontos de visita.

Como terceira etapa, após as quatro turmas terem percorrido o roteiro, Bruno propôs que o fechamento das atividades fosse realizado com a confecção de um “mapa vivo” na quadra da escola. “As crianças ficaram espantadas, curiosas, animadas. Um misto de emoções”, disse animado o professor com a repercussão junto aos estudantes.

A ideia era que este mapa vivo fosse uma representação do Campo de São Cristóvão com cada turma relatando um dos pontos percorridos e se localizando em um trecho da



quadra compatível com sua localização real, tendo ao centro uma imensa rosa dos ventos e o referencial central da Feira Nordestina.

Seguidor da perspectiva freiriana, do aprender fazendo, Bruno definiu que, para que a proposta tivesse continuidade e houvesse efetivo enriquecimento da prática espacial do estudante e ganho de pertencimento, teria de investir no protagonismo da vivência do aluno com seu bairro. “Escolhi quatro alunos (Jorge, Rebeca, Enderson e Alice) para promoverem uma visita guiada ao público relatando a importância histórica de nossa escola para a localidade, a cidade e o país”.

Para os alunos, foi excepcional, pois a própria trajetória da unidade escolar chama a atenção. A Escola Municipal Gonçalves Dias existe desde 1872. Ela foi fundada pelo imperador D. Pedro II em

parceria com a Associação Comercial do Rio de Janeiro. Hoje é a instituição mais antiga em atividade no município.

Os guias-colegas promoveram a visitação e mostraram os dados históricos e simbólicos do prédio escolar. Em seguida, os alunos receberam materiais explicativos com informações da história da escola para que pudessem acessar outros dados. Durante a Mostra Pedagógica, esses alunos relataram o seu aprendizado ao público presente. E, em seguida, entrou no “mapa vivo” do Campo de São Cristóvão instalado na quadra.

Ao final do projeto, os estudantes puderam reconhecer no deslocamento pelos pontos da visita os conceitos de orientação construídos em sala, seja utilizando os referenciais celestes ou instrumentos de orientação, como a bússola.

E também assim potencializou-se o grau de pertencimento do aluno com o bairro de São Cristóvão, promovendo uma maior conservação deste espaço e uma vivência mais ativa dele em seu local de habitação. “A experiência foi um sucesso”, afirmou Bruno Guimarães, ao salientar que já está sendo instado pelos estudantes a pensar outros pontos da região para a confecção de novos “mapas vivos”.

■ *Por Sandra Martins*

Escola Municipal Gonçalves Dias
Campo de São Cristóvão, 115 –
São Cristóvão – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20921-440
Tel.: (21) 3895-8630
E-mail: emgdias@rioeduca.net
Coordenador: Bruno Guimarães
Fotos cedidas pela escola

Literatura

CULTURA E ARTE EM PAUTA



Projeto cultural incentiva
alunos a ampliar suas
visões criativas além dos
muros da escola



Desenvolver no educando a possibilidade de conhecimento do mundo com acesso à cultura e às diferentes formas de arte: literatura, música, pintura. Esse foi o objetivo do Colégio

Estadual Jorge Zarur, localizado em Bangu, ao criar o projeto Cultura e Arte na Escola. Além disso, fazer com que o estudante perceba que existem muitos espaços dentro do ambiente em que vive, além dos muros da escola e da comunidade a que pertence.

O projeto, que trabalhou com os alunos do Proemi, Nova Geração e Neja, teve como responsável a professora Marivalda Moreira e contou com a colaboração da diretora Mara Nei Gonzaga Nunes e de outros educadores. Para dar início às atividades, a escola inaugurou a Sala Interativa Verônica Marcilio, nome que homenageia uma contadora de histórias. O evento contou também com a apresentação das turmas de Oficina de Contação (sob a orientação da professora Renata Franco), Oficina de Música (com o docente Rafael Rodrigues), Oficina de Dança (Professora Isabel) e a presença da escritora Eliana Bueno com “Contos de Perrault”.

Em outra oportunidade, os alunos participaram também de um bate-papo com o jornalista e escritor Luis Erlanger. “Já faz algum tempo que Verônica faz um trabalho filantrópico em nossa unidade escolar. E o autor veio também para acrescentar e mostrar o seu primeiro livro de ficção depois de 40 anos de Rede Globo, como

diretor de diferentes áreas da empresa e também tendo escrito a biografia de José Junior, fundador da ONG Afroreggae”, explica Marivalda, que fez a mediação do evento contando com a colaboração dos professores Silvia Luciana, Dib Porto e Rafael Rodrigues. O escritor conversou com os corpos discente e docente da escola, apresentou fatos da carreira e falou sobre o seu novo caminho na literatura, com o livro “Antes que eu Morra”.

Durante o ano, os alunos foram sendo orientados pelos professores quanto à importância de apropriar-se de cultura e sobre a mudança que a arte pode trazer para a vida de um ser humano. E, com isso, foram criadas oficinas em que os alunos escolhiam de forma livre a que despertava seus interesses e habilidades. “Com professores dedicados e esforçados, o colégio vem promovendo palestras e passeios que nos ajudam muito. O bate-papo com o jornalista e escritor foi uma das atividades mais descontraídas e informativas, como também uma orientação para alunos que escrevem e querem ser jornalistas, pois seus exemplos e testemunhos foram de grande importância para todos”, garante Lucas Ventura, da turma 1.001.

Isabelle Ramos, da 1.004, concorda com o colega e afirma que a conversa foi muito construtiva. “O autor é simpático e gentilmente respondeu a todas as perguntas feitas pela professora Marivalda com bom humor, falando sobre carreira e livros”, lembra. A docente de Matemática Luciana Carmo ressalta que toda a experiência profissional do escritor serviu como fonte inspiradora para os educadores e educandos que buscam alimentar-se de conhecimento. “Um construtivo diálogo, que trouxe um alimento muito rico para todos nós. Com sua experiência jornalística e sua nova fase na literatura, despertou o interesse e a curiosidade de todos nos diferentes assuntos que trouxe”, completa Marivalda.

■ *Por Jéssica Almeida*

Colégio Estadual Jorge Zarur

Rua Edmo Zarife, s/nº – Vila Kennedy – Bangu – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21853-065

Tel.: (21) 3467-1085

E-mail: cejorgezarur@gmail.com

Fotos cedidas pela escola



Os escritores Eliana Bueno e Luis Erlanger participaram do evento na escola em Bangu

A HORA DA ESTRELA



Iniciativa teve como objetivo destacar as características singulares de Clarisse Lispector

Uma das mais importantes vozes da literatura brasileira, Clarisse Lispector foi tema do projeto desenvolvido pela Unisanta, instituição localizada em Santa Teresa. O trabalho, realizado com a turma do 9º ano, teve como finalidade destacar as características singulares da autora, com suas narrativas intimistas,

mostrando o cotidiano e os conflitos que envolvem as personagens nos ambientes em que vivem, levando a questionamentos sociais.

O professor de Português, Literatura e Redação Carlos Alberto Barbosa Junior conta que inicialmente foi comentada a biografia da autora, abordando acima de tudo sua variada e peculiar forma de escrita. Os contos “A galinha” e “O mistério de São Cristóvão” foram lidos e debatidos em sala de aula, buscando extrair-se deles os elementos literários constituídos pela escritora. Após a discussão, os alunos transformaram as prosas em linguagem de quadrinhos, fixando os aspectos principais e construindo um poder de síntese dessas obras, colocando em movimento o aprendizado gramatical.

Em outro momento, após a leitura prévia do livro “A hora da estrela”, aconteceram conversas sobre o entendimento da obra, buscando de cada aluno o seu ponto de vista em relação tanto à marcante personagem, Macabéa, quanto ao narrador Rodrigo e o forte laço que unia esses dois pilares. “A relação social dessa personagem é bastante explorada também durante os encontros. Aproveitando o rico enredo foi debatida a migração de nordestinos para o Sudeste do Brasil na década em que a autora escreveu a obra, sendo mostrada uma entrevista em que ela explica a base da criação dessa prosa”, explica Carlos.





Após estes debates, os alunos construíram fanzines e uma maquete baseados na biografia de Clarice e na obra “A hora da estrela”, sendo promovida uma exposição desses trabalhos e dos contos transformados em quadrinhos anteriormente citados. Os estudantes das outras turmas visitaram o espaço enquanto os autores da atividade explicavam o conteúdo.

A professora de Matemática e Desenho Geométrico Rose da Costa Lima de Pinho ressalta que os alunos do 9º ano tiveram uma excelente atuação. “Eles apresentaram várias obras, expostas em quadrinhos e maquetes destacando o estilo da escritora, marcado pela inovação. Com isso, os estudantes de outras turmas puderam usufruir da exposição, adquirindo informações valiosas sobre a escritora”, explica Rose.

Além disso, a educadora afirma que os alunos passaram a ter uma melhor percepção dos elementos que envolvem uma narrativa trazendo para a sala de aula argumentos mais sólidos sobre suas leituras. “O conhecimento das obras e da biografia da própria autora ultrapassou a barreira literária, pois discutiram a questão da migração nordestina, da discriminação, da percepção do outro na sociedade além das barreiras sociais”, destaca.

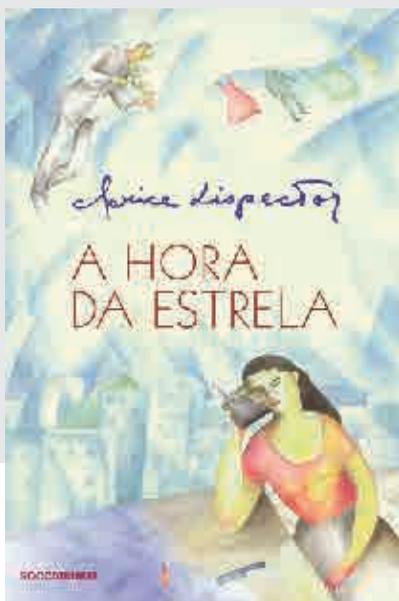
A aluna Maria Laura Mariano conta que ficou encantada com o livro por ter vários pontos interessantes. “O que mais nos chamou atenção foi a triste história de Macabéa, um manual de construção literal, pois nele podemos acompanhar cada passo da criação de uma história, pois mostra o que o autor sente, que às vezes demora pra começar, talvez porque não

saiba nem por onde iniciar. Foi muito marcante pra mim e me ajudará em todas as construções literárias daqui pra frente, pois sei que não só eu como os grandes autores também têm dúvidas numa história e em seu desfecho. Afinal, uma narrativa flui e no início o autor nem sempre pensa em qual será o fim, já que a história é uma descoberta. Os livros são assim, vamos encontrando as coisas junto com o autor. Tenho a responsabilidade de dizer que Clarice Lispector é uma representante do gênio literário. Este trabalho foi um dos mais impressionantes que já fiz e sem sombra de dúvida ficará lembrado não somente em fotos. Clarice me trouxe uma percepção que eu não tinha antes. E isso representará uma melhora em minhas produções literárias”, finaliza a aluna.

O livro “A hora da estrela”

Publicada pouco antes de sua morte em 1977, “A hora da estrela” é a última obra de Clarice Lispector. Nesse livro, que tem como narrador Rodrigo S.M., alter ego da autora, há o retrato de uma jovem nordestina, Macabéa, que tenta sobreviver na cidade grande. A narrativa, complexa, é marcada pela presença dos conflitos existenciais da protagonista, bem como do próprio Rodrigo.

Em “A hora da estrela” ficam visíveis algumas das principais características dos autores da terceira fase modernista no Brasil (posteriores aos romances regionalistas), como a utilização de análise psicológica mais aprofundada dos personagens, que revela, por meio da narrativa interior, o fluxo de consciência e o intimismo. No plano formal, há a preocupação por uma linguagem mais elaborada, com a presença das digressões,



o uso inusitado da pontuação, ou mesmo sua ausência, as metáforas e a metalinguagem.

Na dedicatória, a autora deixa claro que se converterá em um ser fictício, Rodrigo S.M., como se fosse outra faceta

de sua personalidade, o que não compromete a consciência de sua individualidade. Talvez Clarice tenha optado por se tornar um narrador masculino para poder ser mais agressiva e menos sentimental, o que caracterizaria uma ironia da autora em relação à condição da mulher na sociedade, vista normalmente como um ser frágil e muitas vezes piegas. Assim, por meio do recurso digressivo, a autora busca dialogar com o leitor, despertando nele um papel mais ativo, que é o de compartilhar a culpa que ela sente e a responsabilidade que tem para com a injustiça social e a alienação, simbolizadas por Macabéa.

A obra possui, também, uma peculiaridade: antes do início da narrativa, há, na primeira página, o título do livro, seguido de 13 outros títulos, inclusive um repetido, além da assinatura manuscrita de Clarice.

A estrutura da obra possui três grandes eixos narrativos e simultâneos, o que torna o enredo fragmentado, quebrando a tradicional construção linear. A primeira narrativa tem Rodrigo S.M. relatando a história de Macabéa; a segunda mostra o narrador falando das próprias experiências e do drama existencial que vive; na terceira, vemos o próprio processo de construção da obra, o que caracteriza a metalinguagem.

Informações sobre o livro: Guia do Estudante (guiadoestudante.abril.com.br)

■ *Por Jéssica Almeida*

Unisanta – Unidade de Ensino em Santa Teresa

Rua do Oriente, 59 – Santa Teresa – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20240-130

Tel.: (21) 2224-4520

E-mail: escolaunisanta@hotmail.com

Direção: Nely, Lúcia e Sheila
Fotos cedidas pela escola

ESPORTES E VALORES

O que fazer para vivermos bem, preservar o meio ambiente e respeitar as diferenças? Essas indagações vêm estimulando as crianças do Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Enyr Portilho de Avellar, em Campo Grande. Durante todo o ano letivo, elas, juntamente com a equipe pedagógica da escola, estão empenhadas no projeto *Aprendendo com o Mundinho – esportes e valores*. O trabalho é baseado em sete livros da coleção “Meus primeiros Mundinhos”, da escritora Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. De acordo com a diretora Andréa Neves Quinhones, tudo começou ainda em janeiro, quando o projeto foi elaborado. Entre os livros do acervo da escola, ela vislumbrou na coleção “Mundinhos” diversas possibilidades de abordar os valores fundamentais para a formação da cidadania plena. A partir daí, montou a atividade definindo cada detalhe a ser explorado. E como este ano o Rio sediou os jogos olímpicos e paralímpicos, Andréa também agregou o esporte ao conteúdo. “A base do projeto foi toda montada: justificativa, objetivos gerais, conteúdos propostos, até o desenvolvimento de como ele transcorreria, fazendo com que, a cada mês, os alunos trabalhassem um valor, uma modalidade esportiva, uma cor e uma forma geométrica, contemplando, assim, o conteúdo pedagógico correspondente a cada série”, relembra.

A partir dos valores abordados, a escola inteira trabalha os conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. Cada professor adequa o nível de dificuldade à faixa etária. Com isso, toda a escola







Além de jardim e horta suspensos de que os alunos cuidam diariamente, eles também aproveitam as áreas livres para realizar atividades que possibilitam maior contato com a natureza, aprendendo a respeitá-la e a preservá-la

caminha no mesmo passo. As crianças ampliam o vocabulário e estimulam o raciocínio lógico, mas sempre respeitando a idade de cada grupamento. Em março, por exemplo, quando o projeto teve início, os professores abordaram o valor dignidade. Durante as atividades, foi dada ênfase à cor azul e definido o círculo como a forma geométrica a ser trabalhada. Já o atletismo e a ginástica artística foram as modalidades esportivas enfocadas. O tema central foi a identidade. Ao final de cada mês, a escola promove a culminância do conteúdo estudado. É o dia em que todos se mobilizam e as crianças participam de atividades que envolvem todas as séries. “A culminância mensal fica sempre a cargo de duas turmas, definidas por sorteio. Elas se juntam e ficam responsáveis por esse momento. Os professores é que decidem como será feita a apresentação: pode ser dança, canto, teatrinho, contação de histórias, enfim, eles têm liberdade para escolher o formato”, esclarece a diretora.

Em junho, as turmas de Maternal I, da professora Arianne Furtado, e Maternal II, de Nathália Ferreira, ficaram responsáveis pela culminância. O tema central foi água e meio ambiente; a cor trabalhada foi a verde; a forma geométrica, o retângulo; o valor: responsabilidade; esportes: basquete e patinação. As crianças realizaram um esquete teatral para destacar o respeito ao meio ambiente. O tema, aliás, vem sendo trabalhado de forma ampla. A mobilização das crianças em torno da consciência ambiental é visível em todos os espaços da escola, que conta atualmente com 350 alunos e dispõe da participação efetiva dos pais. Além de jardim e horta suspensos de que os alunos cuidam diariamente, eles também aproveitam as áreas livres para realizar atividades que possibilitam maior contato com a natureza, aprendendo a respeitá-la e a preservá-la. Com pequenos gestos, os estudantes vão semeando atitudes positivas entre seus familiares. “Desde cedo, as crianças já sabem separar o lixo pela sua classificação. Aprendem também a reciclar e reutilizar, fazendo potes para a horta da escola e brinquedos”, conta Nathália. “A nossa proposta foi demonstrar que existem soluções que estão ao alcance de todos, como economizar água, fazer a coleta seletiva e reciclar o lixo, cuidando do meio em que vivemos”, complementa Arianne. Os agentes da Educação Infantil também dão sua contribuição. Eles participam das reuniões de planejamento junto aos professores. Uma delas, Marlene, foi a arquiteta do mural apresentado na culminância: “É um trabalho de cooperação. Uma tem uma ideia, a outra complementa”, diz. Já outra, Ana Paula Giovanini, chegou à instituição no decorrer do ano, mas foi logo se engajando: “O trabalho é gratificante, pois a escola inteira caminha unida e as próprias crianças percebem essa integração”.

A diretora adjunta Maria Auxiliadora de Almeida acompanha de perto todas as etapas do projeto e vibra com os resultados que são obtidos mês a mês: “Eu percebo que as crianças vêm demonstrando um grande desenvolvimento, sob todos os as-



O projeto abordou a inclusão social, destacando o respeito às diferenças. De forma lúdica, foi conciliado o conteúdo aos objetivos propostos, inserindo a literatura e os clássicos infantis nos temas definidos

pectos. Tanto pelo empenho em manter o ambiente escolar agradável quanto pela linguagem deles”. Ruth Cristina trabalhava na escola como agente de Educação Infantil e, após ser aprovada em concurso, passou a ser professora. Ela também vibra com os resultados que estão sendo obtidos com o projeto. “Como educadora, ficamos felizes em ver que os ensinamentos estão sendo colocados em prática. O que as crianças estão aprendendo já está sendo aplicado no dia a dia”, relata. Leonardo Ávila, também agente de Educação Infantil, é o único homem no grupo. Ele trabalha no turno da tarde e diz estar realizado por fazer parte da equipe. “Sempre fui apaixonado por criança. Quando cheguei aqui e as vi gritando meu nome, fiquei muito feliz. A gente se sente parte da família”, afirma. Valéria Gomes integra o time terceirizado da escola, mas, como ela mesma diz, todos formam uma só equipe, sem distinções. “Com o projeto, as estudantes interagiram bastante com a equipe da cozinha, aprendendo boas maneiras, a reutilizar materiais e a não desperdiçar alimentos. É um trabalho bem gratificante”, garante.

No mês de setembro, com o tema “Mundinho para todos”, o projeto abordou a inclusão social, des-

tacando o respeito às diferenças. “De forma lúdica, conciliamos o conteúdo aos objetivos propostos, inserindo a literatura e os clássicos infantis nos temas definidos. Ficamos muito felizes quando recebemos uma mensagem da escritora Ingrid Biesemeyer, que nos mandou uma bonita homenagem dizendo o quanto estava satisfeita por ver, no nosso *blog*, que a coleção de livros que ela escreveu estava proporcionando esse tipo de atividade”, relata Andréa. Em outubro, as crianças abordarão o tema “Mundinho sem *bullying*” e, em novembro, o tema central será “Paz, Amor / cuidado com o planeta”. A diretora finaliza com uma frase que define bem o perfil da escola: “Somos uma unidade onde todos trabalham para atingir os objetivos comuns”.

■ Por Tony Carvalho

Escola Municipal Professora Enyr Portilho Avellar

Estrada Votorantim, s/nº, Mendanha – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23095-710

Tel.: (21) 3394-2159

E-mail: empavellar@rioeduca.net

Diretora-geral: Andréa Neves Quinhones

Fotos: Tony Carvalho

Matéria exclusiva da versão on-line

ESCOLA DE PRINCESAS CHEGA AO BRASIL E GERA POLÊMICA

O cor-de-rosa toma conta das paredes, das mesas, dos móveis, dos utensílios e dos uniformes. As meninas se reúnem em volta de uma mesa e tomam um chá, enquanto aprendem regras de etiqueta, incluindo a maneira correta de pegar a xícara e posicionar os braços. Cena de filme? Na verdade, uma Escola de Princesas que acabou de chegar em São Paulo e vem causando muito burburinho nas redes sociais e veículos de comunicação.

Mas, afinal, como funciona essa escola? A instituição dá aulas de costura, culinária, etiqueta e beleza para meninas de 4 a 15 anos. A ideia surgiu de um sonho, literalmente. A psicopedagoga Nathalia de Mesquita, de Uberlândia, sonhou que estava em um lugar todo cor-de-rosa, cercado de meninas, a quem ela ensinava a se portar como princesas. No dia seguinte, ela acordou e contou



o sonho para o marido. Foi aí que os dois decidiram transformar o sonho em realidade.

No início de 2013, o casal abriu a primeira unidade, em Uberlândia (MG). Eles passaram a oferecer cursos como o “Vida de Princesa”, com 12 semanas de duração, onde as meninas aprendem etiqueta, “netiqueta” (o nome que eles deram à etiqueta na internet), se maquiar, arrumar os cabelos, colocar a mesa e se comportar nela, arrumar o quarto, a cama e os armários e a se relacionar com os pais, irmãos e futuros namorados e maridos. O valor desse curso completo é de, aproximadamente, R\$ 1.200,00.

A idealizadora do projeto conta que a previsão inicial era de receber 150 meninas no primeiro

ano de negócio. No entanto, esse foi o número de interessadas que eles tiveram já no primeiro mês.

“Hoje, temos fila de espera. Tenho meninas que vêm de outros estados e até de outros países para participar da escola”, afirma Nathalia.

A procura pela primeira escola foi tão grande, em Uberlândia, que Nathalia e o marido, Cléber, decidiram transformar o negócio em uma franquia. Não demorou para que abrissem outras unidades, em Uberaba e em Belo Horizonte, também em Minas Gerais. No último dia 19 de outubro, um evento inaugurou a primeira Escola de Princesas em São Paulo. O projeto foi trazido por Sílvia Abravanel, filha de Sílvio Santos, e vai funcionar em Moema, bairro nobre da Zona Sul de São Paulo.



Muitos cursos são oferecidos na escola, dentre eles: etiqueta, como colocar a mesa e se comportar nela, arrumar o quarto, a cama e os armários

Transformar em uma única legenda. Não tem necessidade de duas para fotos parecidas

Apresentação da Escola de Princesas

“Você não se torna uma Princesa simplesmente usando um vestido extravagante e uma tiara brilhante. Ser uma Princesa de verdade é ter a confiança para ser a melhor versão de si mesma. Acreditamos firmemente que todas as mulheres são princesas e que podemos aprender a aplicar os atributos de caráter e comportamento desse tipo em tudo o que fazemos na vida. A Escola de Princesas é um projeto criado para levar ao coração de meninas valores e princípios morais e sociais que as ajudarão a conduzir sua vida com sabedoria e discernimento. É sobre tratar a todos com bondade e generosidade, ter valores e princípios imutáveis independentes de modismos, assim como acreditar apaixonadamente em si mesma e em seus sonhos. A Escola de Princesas não é somente um curso de etiqueta ou uma escola de comportamento. Nós acreditamos na construção de um caráter sólido e incorruptível, resgatando os valores éticos e morais de civilidade básica e queremos incorporar este pensamento (esta convicção) em nossos programas [...]”

A Polêmica

Mas, afinal, o que há de errado com essa escola? Por que ela tem recebido tantas críticas? Pais, mães e especialistas têm argumentado, principalmente na internet, que a escola vai contra toda a luta feminina para conquistar mais igualdade. “Esse estereótipo de princesa é tão arcaico que a última nesses moldes feita pela Disney foi Aurora, em 1952”, comentou Ramiris Moraes, na página da Revista Crescer, no Facebook.

A diretora da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Quézia Bombonato, argumenta que a cultura das princesas também mostra para as crianças que existem tarefas diferentes de meninas e meninos, o rosa e o azul, a boneca e o carrinho, a princesa e o super-herói. “Mais uma vez vamos mostrar que homens e mulheres devem ser tratados de forma diferente e que os direitos e deveres não são igualitários. É um total retrocesso! Como você vai colocar a criança em uma escola de princesas se ela nunca será uma? Com certeza vai causar uma frustração futura. Os pais também precisam ficar atentos aos valores que essas aulas vão passar para a filha. Será que para serem aceitas na sociedade, bem-sucedidas e felizes elas precisam ser princesas?”, indaga a especialista.

Autora de um estudo que analisou a influência das princesas da Disney na vida das meninas, a antropóloga Michele Escoura concluiu que as crianças do sexo feminino se identificam com as princesas clássicas e que elas ajudam a reforçar estereótipos de feminilidade. “Mas qual o problema da sua filha gostar das princesas da Disney? Ter bonecas Barbie? Adorar vestir roupas cor-de-rosa? Nenhum, se os pais tiverem consciência de que é preciso tornar as crianças abertas a enxergar outros referenciais”, questiona Michele.

A antropóloga discute que filmes, músicas e produtos não podem ser a única fonte de informação sobre o que é ser feliz. “As prin-





O intuito de ensinar as meninas a se maquiarem é fazer com que elas estejam preparadas se um dia forem estudar fora, por exemplo

cesas da Disney carregam consigo um conteúdo que acaba funcionando como uma restrição da ideia do que é ser humano, enquanto mulher. É necessário garantir que a formação das crianças tenha também outros tipos de exemplos. A diversidade existe, e as crianças devem saber que não há apenas uma maneira de ser feliz, bonita e aceita”, conclui a antropóloga.

Nathalia, a idealizadora do projeto, argumenta que as meninas adoram esse mundo lúdico, mas quando chegam na instituição elas têm vários tipos de aulas, inclusive palestras com psicólogas. “Ensinar que ser princesa não é só a tiara, o vestido, a aparência. Todas são princesas no coração. Elas só precisam agir como tal, com nobreza e bondade. Resgatamos valores como o de respeitar os mais velhos. O intuito de ensinar as meninas a cozinhar, costurar e se maquiar é fazer com que elas estejam preparadas se um dia forem estudar fora, por exemplo. Se eu tivesse uma filha, gostaria que ela soubesse cozinhar e se virar sozinha, em vez de se render aos *fast-foods*. As meninas ainda aprendem a se vestir e a se arrumar de maneira apropriada para diferentes situações, desde uma festa até uma entrevista de emprego no futuro”, enfatiza.

Meninos não entram

Embora os meninos também precisem aprender certas atividades para se virarem sozinhos, na Escola de Princesas eles não entram. A idealizadora do projeto, que é mãe de dois meninos, argumenta que essa decisão se deve pelo fato da linguagem ser diferente. “Meninas exigem delicadeza,



Além dos cursos, as meninas também participam de eventos e festas intitulados de “Chá de Princesas”, “Encontro de Princesas”, “Aniversário de Princesas” e “Tarde de Princesas”

uma forma mais rosa. No entanto, existe um projeto para criar uma outra escola só para garotos, mas ainda está sendo formatado. Os interesses deles são diferentes. Quando fazemos eventos, como os aniversários de princesa, no final libero para a família participar. Então, muitas vezes, vêm os irmãos. Eles bagunçam e quebram tudo”, alega.

A especialista Quézia afirma que generalizar características, reforçando a ideia de que os meninos sempre são bagunceiros e meninas exigem delicadeza, é uma ideia que vai contra muitas das conquistas da sociedade, em prol da igualdade e justiça entre os sexos. “Quando eu coloco que isso é coisa de menino e aquilo é coisa de menina, estou limitando as possibilidades. Até 3 anos de idade, as crianças não sabem as diferenças reais entre menino e menina, a não ser por estereótipos”, explica.

Uma campanha feita pela Revista Crescer, intitulada de #começacedo, defende a ideia de que desconstruir estereótipos de gênero é uma tarefa que deve começar desde cedo na educação das novas gerações e coloca algumas coisas em questão: “Afinal, os garotos podem, sim, ser delicados, assim como as garotas podem ser bagunceiras. Nem todas as meninas sonham em ser princesas. Pensando mais à frente, no futuro dessas crianças, vale lembrar que um neurocirurgião, por exemplo, homem ou mulher, precisa ter habilidades como a delicadeza e a precisão. Já um policial ou bombeiro, que também pode ser homem ou mulher, precisa usar a força física e movimentos mais bruscos em muitas situações”, justifica.

E você, professor, qual a sua opinião sobre a Escola de Princesas? Concorda ou discorda da ideia?

■ *Por Jéssica Almeida*

Fotos: Divulgação

Fontes: Escola de Princesas, Revista Crescer e Estadão.

Web

ROLOU NA WEB



No *blog* Appai você confere, em primeira mão, alguns dos principais concursos para professores. Lá você encontra também as datas para inscrição, os benefícios oferecidos, o local para se inscrever e muito mais.



Agora a versão *on-line* da Revista Appai Educar traz mais uma novidade. Além de tudo que você já vê na versão impressa, tem também uma matéria exclusiva.

Voz do professor

"Agradecemos a atenção, o interesse e a publicação do nosso projeto 'Os autores e sua carioquice', na Revista Appai Educar. A postagem encantou-nos e proporcionou alegria, pelo reconhecimento ao nosso trabalho. Ficamos muito satisfeitos, a postagem ficou maravilhosa! Espero que outros projetos mereçam espaço na Revista, que gentilmente enaltece o conhecimento, a iniciativa dos professores e o trabalho dos alunos."

Marcia Brum, da Escola Municipal Barão do Amparo, via e-mail.

"Não tenho palavras para expressar toda a minha gratidão pela fabulosa parceria deste conceituado veículo de comunicação!"

Maria José, da Escola Municipal Casimiro de Abreu, via e-mail.

appairj.blogspot.com.br

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



"Appai e Passeio Cultural se esmerando na realização da visita à Fazenda Ponte Alta. Uma viagem ao Brasil do Ciclo do Café vivenciada pelos personagens da época, revelando a história que não foi contada. Aplaudindo de pé!" - **Vania de Lima Lima**, via **Facebook**.



"Somos sortudos por dispor de cada vez mais benefícios de qualidade. Adoro teatro" - **Claudio Dias**, via **Instagram**.



"São excelentes os artigos da Andrea. O texto trouxe bons exemplos e mostra que devemos estar ligados com toda a tecnologia sem perder a essência do conhecimento e os princípios. Parabéns!" - **Raquel Bampi**, via **Blogger**.

As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube - youtube.com/appairj

SUMÁRIO

02 PALAVRA DO EDITOR

Transformação tecnológica da informação

08 MUITO ALÉM DO CONTEÚDO

Projeto trabalha valores e atividades que contribuem no processo de ensino e aprendizagem

28 ESCOLA QUE PREPARA PARA A VIDA

Festival apresenta diferentes gêneros literários visando o desenvolvimento crítico dos alunos

32 FEIRA INTERDISCIPLINAR

44 OS CIENTISTAS DO BRASIL

48 UMA FRAÇÃO DE ENCAIXE

Ao perceber a dificuldade que as crianças tinham com frações, educadora inseriu as peças de brinquedo nas lições dadas em aula

50 CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO: DESCOBERTAS A CADA PASSO

Mapa vivo de um espaço em que predomina a diversidade cultural

60 ESPORTE E VALORES

CAPA

Um dos mais antigos instrumentos conhecidos para marcar a passagem do tempo ao longo do dia, o relógio de sol mostra a hora através da sua sombra. **Pg.: 16**



04

OS MISTÉRIOS OLÍMPICOS

Estudantes são instigados a descobrir os significados dos enigmas relacionados aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos



22

O FUTURO É AGORA

A robótica em sala de aula é hoje uma nova realidade onde o estudante passa a ser autor do seu próprio conhecimento



38

OFICINAS QUE TRANSFORMAM A ARTE DE SER CRIANÇA

A renovação da linguagem da Semana de 1922 aproxima os pequenos dos múltiplos aspectos culturais



56

A HORA DA ESTRELA

+ mais
appai

Nº
9

I Encontro de Educação **Appai**

Ações que
inspiram e
transformam
a aprendizagem



30 de novembro acontece



I Encontro de Educação Appai

Estarão reunidos professores, pensadores em educação e cidadãos do mundo, que mostrarão como suas vivências, estudos de casos e projetos sobre temas ligados à arte de ensinar estão transformando a aprendizagem.

As inscrições estarão abertas, **em breve**, no *site* da Appai com mais informações

Portal do Associado | Atendimento Presencial | Apoio ao Associado (21) 3983-3200 e (21) 3514-0800

Fique ligado nos principais eventos de novembro.

Confira as datas oficiais em appai.org.br

-  Encontro Saúde 10
-  Roda de Saúde
-  Educação Continuada
-  Caminhadas & Corridas
-  Passeio Cultural
-  29º Grande Baile
-  I Encontro de Educação Appai

Querido professor,

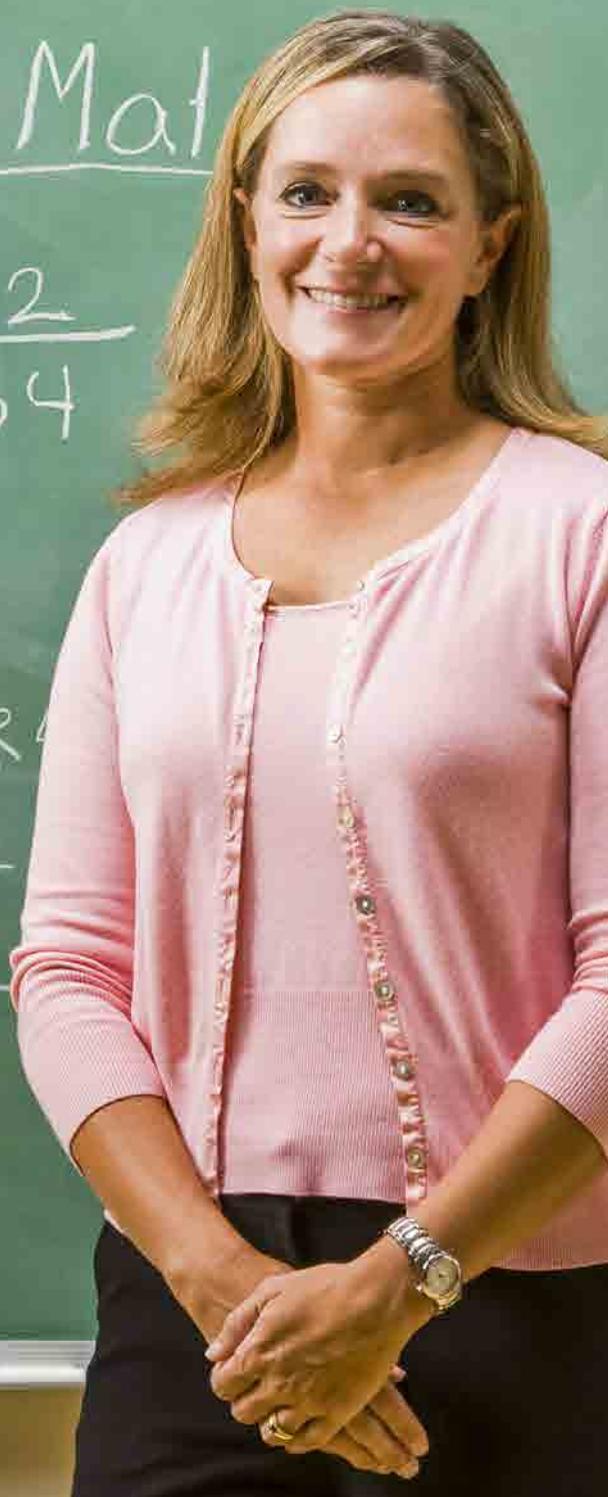
Outubro é o mês de uma das mais importantes profissões praticadas no mundo. Afinal, sem você a transmissão de conhecimentos e a sua correta apreensão pelas pessoas seriam praticamente impossíveis.

O educador é o único profissional que forma profissionais. Em tudo e em toda parte necessita-se da pessoa que ensina. Vale lembrar que a função do docente não é a de transmitir informações, mas fazer com que o aluno consiga assimilar melhor as características e processos inerentes ao mundo em que vive. Por tudo isso, parabéns a todos os docentes desse país, que tanto fazem por nós!

E, durante os próximos 364 dias, a comemoração continua através da Revista Appai Educar, que tem por objetivo materializar o dia a dia do professor em sala de aula, divulgando os excelentes projetos pedagógicos, bem como artigos de opinião e sugestões de orientações didáticas com matérias exclusivas que retratam as experiências do professor em sua prática pedagógica e inspiram outros mestres na arte de trocar conhecimentos.

$$\begin{array}{r} \text{Mat} \\ \hline 32 \\ 2 \overline{)64} \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 93R \\ \hline 6 \overline{)562} \\ -54 \downarrow \\ \hline 22 \\ -18 \\ \hline 4 \end{array}$$





benefício
BOM ESPETÁCULO!

Confira o regulamento no **site da Appai**, separe a pipoca e **bom espetáculo!**

PROJETO QUESTÃO DE MULHER

Participe deste espaço de diálogo para conscientização dos direitos e ampliação da cidadania feminina com os Benefícios Jurídico e Serviço Social.



Inscreva-se no
Benefício Serviço Social
na **sede da Appai** ou pelo
Telefone: **(21) 3147-3224**





O melhor da programação cultural com o **Benefício Bom Espetáculo**.

Todos os meses você terá acesso livre a peças teatrais realizadas em diversas regiões do Rio de Janeiro.

Vamos aproveitar o BOA VIAGEM e fazer as malas para curtir os mais belos roteiros desse benefício que é a cara do Outono, do Inverno, da Primavera e do Verão!

Hipertireoidismo & Hipotireoidismo:

Você sabe a diferença?

Participe dos debates do
Encontro Saúde 10

30 | Auditório
NOV | da Appai



No momento em
que você mais
precisar, a Appai
também estará
com você.

Tenha esse
número sempre
em mãos:
0800 023 4600



24 horas

...Vem chegando o verão,
o calor no coração... 

(Marina Lima)



Curta a estação
mais quente do ano
com o Benefício
Passeio Cultural.

Feche o ano com chave
de ouro correndo em
um dos novos cartões-
postais do Rio de Janeiro



CAMINHADAS E CORRIDAS
BENEFÍCIO APPAI

SUA FAMÍLIA SEMPRE SEGURA!

Benefício Médico Ambulatorial Básico Coletivo



SORRIR COM SAÚDE É MUITO MELHOR!

Benefício Odontológico Ambulatorial Básico Coletivo



SURPREENDA-SE COM ESSA FESTA!



Grande
Baile Appai

26 NOV

DAS 19 ÀS 24 HORAS

ZOUK-FORRÓ-TANGO-SALSA

BOLERO-SOLTINHO-SAMBA

GARANTA A SUA INSCRIÇÃO NO PORTAL DO ASSOCIADO

Abaixo as datas para solicitação e retirada dos convites:

SOLICITAÇÃO

24/10/2016 a 20/11/2016

RETIRADA

07/11/2016 a 23/11/2016

Centro de Convenções Ribalta - Av. das Américas, 9.650 – Barra da Tijuca